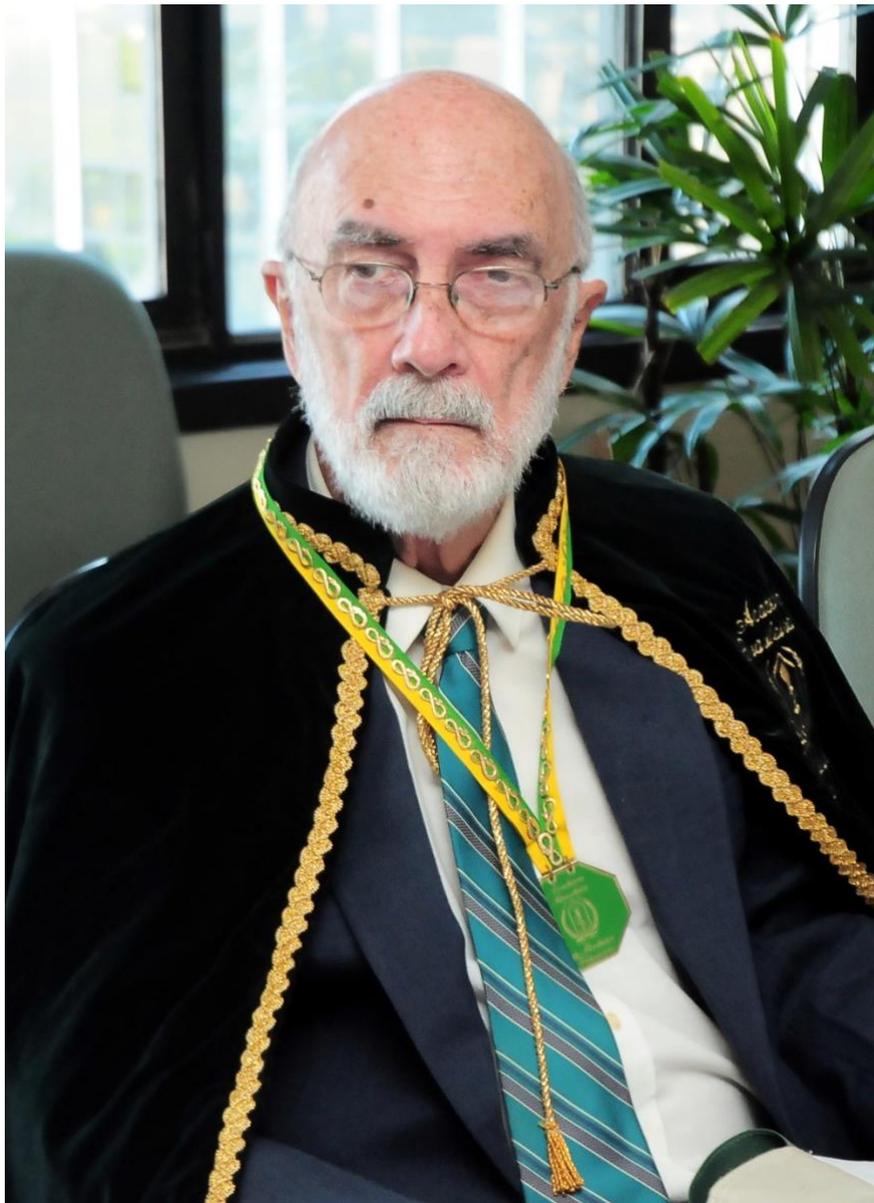




Luiz Octavio Pires Leal

Como um autor, uma granja, uma revista e o jazz
me abriam as portas para
o admirável mundo da Medicina Veterinária



HISTÓRIAS DE UTILIDADE PARA OS COLEGAS DE PROFISSÃO

Edição:

Orelha da esquerda

Nos meios profissionais, Luiz Octavio é conhecido como L.O., desde o tempo em que era o “profissional do agronegócio” do Grupo Bloch (Manchete), do qual foi correspondente independente na Europa.

Formado pela antiga e, então, muito bem organizada ENV-Escola Nacional de Veterinária, em 1958, dedicou seus primeiros anos a dar assistência às granjas avícolas, no que teve o apoio do grande professor de Anatomia Patológica, Paulo Dacorso Filho.

Com a ida da avicultura industrial para o Sul, em busca de clima e mão de obra mais adequados, carioca autêntico, reduziu sua atividade como veterinário especializado e concentrou seu trabalho no jornalismo, profissão que conquistou no início da década de 1960, graças à sua coluna semanal no então prestigioso JB-Jornal do Brasil.

Nas últimas décadas vem desenvolvendo uma série de trabalhos, com destaque para a SNA, onde criou alguns seminários, principalmente com o objetivo de defender a tese de que, bem administrado - em que pese sua dimensão territorial reduzida - o RJ poderá ser transformado num importante centro de atividades do agronegócio.

Há os exemplos dos pequenos e gelados países, como a Holanda, a Suíça, a Dinamarca, a Suécia e a Noruega.

Com a tarefa diária de desenvolver o site da SNA animalbusiness.com.br, os amigos torcem para que ele permaneça ativo e animado ainda por vários anos.

Rio de Janeiro, outubro de 2023

L.O.

Leitura crítica dos originais | : Nury Pires Leal
Organização, paginação e capa: Valéria Manhães
Apoio logístico: Maria Helena Elguesabal
Copyright by Luiz Octavio Pires Leal
Direitos reservados ao Autor
Reprodução livre desde que citado o Autor
Contatos: e-mail: lovetpiresleal@gmail.com
WhatsApp: (21) 9-6830-0511

“Só os desocupados nunca têm tempo”

Sumário

Prólogo	5
Prefácio	6
Agradecimento especial	9
Agradecimentos	10
O dia em que eu fui expulso de casa	11
Sair daquele conforto da casa dos pais, no quarteirão da praia do Leblon? Nem pensar!	13
Um autor, uma granja, uma revista e o jazz foram decisivos na escolha da minha profissão	15
Estávamos em 1954, e eu decidido a estudar Veterinária na Rural. Mas, como?	18
O grande problema era a condução	19
Professores do primeiro time, mas um incompetente e outro maluco	21
Paulo Dacorso Filho um verdadeiro mestre um exemplo um grande apoio na minha carreira um amigo	23
Da teoria à prática	26
CNA - Comissão Nacional de Avicultura Sete anos de um trabalho útil e muito prazeroso, importante para mudar a história da avicultura brasileira	28
O trabalho de assistência a granjas	32
O curso na Universidade do Texas	34
Importador de tecnologia avançada - Hubbard	37
Importador de tecnologia avançada - Big Dutchman	39
Fora da CNA - Dentro da SCAL-RIO	41
Meu trabalho na SCAL-Rio	43
Pessoas a quem devo muito na minha formação profissional e como gente	45
Frases e citações em que acredito	49
São os seguintes os destaques da minha vida profissional, começada em 1958 e continuando até agora (outubro de 2023)	51
Um resumo das declarações dos amigos nas diversas épocas da minha vida profissional	55
Meus sete anos de Petrofértil começaram mal	62
CAMEG-Centro Agrícola de Menores do Estado da Guanabara uma paixão uma grande frustração	70
O gosto pela publicidade	75
Meu guru da propaganda	76
Dicas para escrever com clareza	78
Colaboração com a SNA	80
Os seminários	83

Prólogo

Este livro é o fruto, a consequência, de uma provocação, um desafio do meu amigo-patrão, Antonio Melo Alvarenga, presidente da SNA-Sociedade Nacional de Agricultura, com a qual me relaciono há mais de meio século, desde o tempo do seu pai Octavio, o presidente que revolucionou essa entidade de direito privado, financeiramente independente, sem conotação política ou religiosa, nem objetivo comercial, fundada em 1897 para, principalmente através da informação e da educação, incentivar o agronegócio brasileiro.

Como sou o criador e editor responsável pelo site animalbusiness.com.br, com o propósito de fornecer informação de utilidade para alunos, professores, profissionais e atuais e futuros investidores no agronegócio do setor animal, fui obrigado a acordar ainda mais cedo (antes do nascer do sol!) para poder dar conta do recado. Site é como bicicleta: se parar de pedalar, cai.

O desafio foi escrever a minha biografia, o que me fez pensar por alguns dias. Como escrever sobre mim mesmo? Isso não sei fazer. É muito difícil. É constrangedor. E agora, como saio dessa?

A ideia salvadora veio da Nury, minha mulher: “Escreve sobre a sua vida profissional.” E foi o que tentei fazer neste livro.

Com a experiência de jornalista, optei por escrever uma série de capítulos, com a pretensão de parecerem crônicas, e o objetivo de não cansar o leitor.

Se consegui isso, você, é quem me dirá. É claro que darei o devido desconto pela opinião dos amigos, que, felizmente, não são poucos.

Vivemos a época da preguiça da leitura, e da paixão pelas imagens, principalmente daquelas em movimento.

Se é verdade que o Bill Gates e seus amigos prestaram um grande serviço à humanidade, é igualmente verdadeiro que eles, sem essa intenção é claro, estão acabando com a linguagem correta, culta, tradicional. “Vc” é Você. “Tb” é também. Correto, certo, de acordo é “OK”.

Procurei não me render a essas modernidades que não tem nada a ver com o fato do português ser uma língua viva. Mesmo porque, sou ainda leigo nesse assunto, assim como também nessas figurinhas da moda, usadas pelo pessoal que não gosta, tem preguiça ou não sabe escrever.

Tentei escrever de forma simples, objetiva, direta e bem humorada. Torço para que tenha conseguido, e não tenha exagerado na minha propaganda pessoal.

Tomara que nesse meu provável “Canto do Cisne” tenha conseguido atrair alguns leitores, e tenha sido de alguma utilidade para eles.

Luiz Octavio Pires Leal
Rio de Janeiro
Outubro de 2023

Prefácio

É uma grande honra prefaciara a Biografia do Doutor Luiz Octavio Pires Leal conhecido no meio do agronegócio, como LO, por ser de um dos mais ilustres Médicos Veterinários Brasileiros, Membro Titular da Academia Brasileira de Medicina Veterinária.

Na oportunidade parabenizo o Dr. Antônio Mello Alvarenga pela brilhante ideia e determinação de realizar esse trabalho que publica a história de um profissional competente que marcou com a seu indelével labor uma vida dedicada a promover o agronegócio do Brasil.

Nascido de uma família nobre da alta sociedade do Rio de Janeiro, então Capital do País. Imagino o quão foi difícil, na década dos anos 50, deixar o conforto de uma casa de quarteirão, no Bairro do Leblon, para embrenhar em Seropédica, àquela época ainda Distrito de Itaguaí, município do qual só se desmembrou em 1995, sede da Escola Nacional de Veterinária, cuja criação foi inspirada na *École Nationale Vétérinaire d'Alfort*, situada nas cercanias de Paris, a segunda criada no Mundo.

Aí, no Km 47, encontrou solo fértil para a sua sólida formação acadêmica, nos laboratórios de Anatomia Patológica cujo Catedrático era o Professor Doutor Paulo Dacorso Filho, Patrono da Cadeira número 20 da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, do qual foi um brilhante aluno e seu orientado na graduação e formação profissional. Nesse Laboratório, onde se respirava ciência, também atuava o Professor Doutor José Freire de Faria, foi Membro Titular da Cadeira 39 da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, inicialmente Assistente e depois sucessor na Cátedra de Anatomia Patológica, do Professor Dacorso. Graduou Luiz Octavio em Medicina Veterinária em 1958, pela ENV-Escola Nacional de Veterinária, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, conhecida simplesmente como. Rural ou Km47.

Levou LO para as granjas que assistia no Estado do Rio de Janeiro e posteriormente para a Comissão Nacional de Avicultura, todo o seu aprendizado na Rural e o aperfeiçoamento realizado na Universidade do Texas, base inicial para o desenvolvimento do setor avícola brasileiro.

Durante a sua vida de quase nove décadas foi um profissional muito ativo sempre dedicado à Medicina Veterinária, migrando de sua especialização inicial em avicultura para a educação sanitária, promoção e divulgação do agronegócio brasileiro, com um forte e competente viés jornalístico, no Grupo Bloch, leia-se Manchete, inclusive a Manchete Rural, como correspondente na Europa, no Grupo Globo, BAND, Jornal do Brasil e outros veículos de comunicação de igual importância.

É um livro rico em informações, dividido em capítulos independentes, que o torna de fácil leitura, contando diversos aspectos da história da política agrícola brasileira e sua evolução no último século. Criou a Revista na SNA Animal business Brasil, como um importante elo de ligação entre o mundo científico e técnico e o empresário do setor rural.

Exerce LO, um trabalho importante da SNA – Sociedade Nacional da Agricultura, centenária entidade de representatividade social e política do setor do agronegócio brasileiro e com grande contribuição para o desenvolvimento da produção de alimentos, cumprido o Brasil a vocação natural de produtor e supridor mundial de alimentos e matérias primas agrícolas, conquistando mais de 160 países de todos os continentes com produtos da mais alta qualidade do ponto de vista higiênico, sanitário e tecnológico.

Um outro enfoque importante é a promoção na SNA de seminários e simpósios de temas da atualidade para o desenvolvimento do agro, convertido posteriormente em matérias e publicações que alicerçava o produtor rural e serviam de base para o poder de decisão do empresariado e do setor público agrícola.

Trabalhou, como demonstra a sua vasta biografia, com grandes autoridades, governadores, ministros e empresários, exercendo suas atividades profissionais dentro do mais alto nível profissional, cultivando desta forma amizades nas mais diversas áreas pela forma altaneira como os assessorava.

Dono de uma moral ilibada, intransigente nos seus aspectos éticos no exercício do seu mister, com grande espírito de solidariedade que o faz merecedor do respeito dos que o conhecem e com ele tem convivido nessa longa jornada profissional.

Teve o biografado uma passagem importante no Ministério da Agricultura, como redator do Serviço de Informação Agrícola – SIA e da Rádio Rural, o que despertou a sua vocação para o jornalismo aliada a sua vasta cultura e conhecimento do setor.

Senti lisonjeado em ser escolhido para prefaciar essa edição da biografia do Doutor Luiz Octavio Pires Leal, profissional do Mundo, ao qual dedico admiração e respeito, por ser Médico Veterinário sendo antes formado também em Jornalismo.

Esse livro bibliográfico vem em boa hora e servirá de exemplo para os profissionais do presente e do futuro, nas áreas da Medicina Veterinária e do Jornalismo num momento que se deve difundir os aspectos deontológicos e éticos dos que abraçaram esse mister.

O momento é oportuno, comemorativo dos 103 anos de criação da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, dos 90 anos da primeira regulamentação da profissão (9 de setembro de 1933 - Patrono o Ministro da Agricultura Juarez Távora), 55 anos da segunda Regulamentação e criação dos Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária e 40 anos de fundação da Academia Brasileira de Medicina Veterinária,

Desejo uma boa e profícua leitura

Brasília – DF, 10 de outubro de 2023

Professor Doutor JOSÉLIO ANDRADE MOURA

Presidente da Academia Brasileira de Medicina Veterinária

Auditor Fiscal Federal Agropecuário e foi

Secretário Nacional de Defesa Agropecuária e

Ministro de Estado da Integração Nacional

Agradecimento especial

Meu agradecimento especial é para a minha mulher, Nury Pires Leal, que, nos nossos 45 anos de casados, lutou pela minha saúde, enfrentando comigo minhas angústias, minhas cirurgias, meus infartos, e se mantém permanentemente atenta, controlando a minha medicação e a minha alimentação.

A ela devo não apenas isso – o que não é pouca coisa – mas a sua cooperação, e sua companhia, com sugestões e análises críticas, em todas essas atividades que desenvolvi e continuo desenvolvendo.

Agradecimentos

In memoriam, agradeço ao colega Eduardo Batista Borges, que, sabendo que eu era jornalista, e na função de Secretário do Presidente Zander Miranda, a quem sucedeu na Presidência do Conselho Regional de Medicina Veterinária, me convidou para criar e editar o CRMV-RJ JORNAL, o que fiz durante mais de 10 anos.

E ao Sérgio Bogado, a quem devo minha indicação para membro da Academia Brasileira de Medicina Veterinária.

Agradeço, também, à D. Maria Helena Elguesabal e à Valéria Manhães, da Secretaria da Presidência da SNA, pelo apoio que sempre me dispensam nas atividades que desenvolvo na Entidade.

E, não menos importante, ao Antonio Alvarenga, Presidente da SNA, que me deu a oportunidade de trabalhar sob sua direção e me estimulou a escrever este livro.

O dia em que eu fui expulso de casa

Era a nossa casa, em estilo mexicano, no Leblon. Fazia muito calor. Eu tinha 18 anos e voltado de uma temporada de seis meses na Europa esticada até Trondheim, no norte da Noruega, numa viagem de ônibus partindo de Paris.

A casa tinha uma varanda no andar de cima. E foi nela que aconteceu a primeira grande mudança da minha vida. E o primeiro grande susto.

Duas cadeiras: meu pai numa e eu na outra, bem de frente.

Na época, ele era um cirurgião de pronto socorro: sério, equilibrado, controlado, otimista, como devem ser todos os cirurgiões e os pais.

Eu já imaginava o que viria pela frente. E veio. Era um ultimato, precedido de uma argumentação, olho no olho, sem o mais leve tom de crítica. Apenas uma ponderação, que começou assim: “Filho, venho observado há tempos o seu estilo de vida, que confesso, deve ser divertido: uísque em quantidades civilizadas, namoradinhas grã-finas – e nem tanto – de Ipanema e de Copacabana, alegres noitadas de jazz com a sua turma e a sua bateria, casa cheia na boate do Hotel Plaza Copacabana na Avenida Princesa Isabel. Shows na TV.

Algum montanhismo, vôlei na praia e festinhas de dança.

Mas muito comumente, quando estou saindo para tentar salvar vidas no Hospital Miguel Couto, você está chegando para dormir.

Seu caráter já está formado e não me preocupo com isso.

Mas, na obrigação de pai, preciso insistir com você que esse divertido tipo de vida que você leva – a não ser que se transforme num músico de verdade, com formação profissional – brevemente irá acabar.

Sem a suspeição de pai de um filho único, sei que você tem as condições necessárias para conquistar uma boa posição na

sociedade, mas para tanto será necessário que mude de vida, o quanto antes.

E saindo da teoria à prática, dou-lhe 48 horas para pensar se quer continuar seus estudos ou prefere um emprego. E, como ainda pensamos de modo diferente, você deverá mudar-se para um apartamento, talvez dividindo as despesas com um amigo, num bairro mais barato.

Da minha parte, serei sempre seu pai, pronto a ajudá-lo.

E foi com essa elegância, essa firmeza, essa lucidez e esse amor de um grande pai, que fui expulso de casa.

E agora? Só no próximo capítulo...

-2-

**Sair daquele conforto da casa dos pais,
no quarteirão da praia do Leblon?
Nem pensar!**

Eu tinha estudado e terminado o antigo Curso Científico, na maior parte do tempo, no chatíssimo e competente colégio Santo Antônio Maria Zaccaria, em estilo militar, com farda e tudo, que ainda tinha o inconveniente de ficar no Catete a mais de meia hora de bonde da minha casa.

Uma das inconveniências, para quem “morava para cá do túnel da Lagoa”, era a obrigação de carimbar a caderneta, depois da missa de domingo.

Mas lá, apesar de tudo, fiz bons amigos, um deles para a vida toda.

Passadas as 48 horas, não hesitei um minuto: “Quero trabalhar”.

Meu pai – Luiz Pires Leal – em combinação com seu cunhado, que tinha um cargo relevante no Ministério da Fazenda, me arranhou um cargo oposto ao meu temperamento: sentado das onze às cinco, meu trabalho consistia em converter moedas de vários países na moeda nacional daquele tempo. O dia inteiro manejando um trambolho de uma calculadora da marca Frieden.

Sob o ponto de vista da história para contar setenta anos depois, a parte interessante é que tenho no meu arquivo o documento de nomeação do ditador Getúlio Vargas auto proclamado “o pai dos pobres”.

Querendo ficar livre, o quanto antes, daquele trabalho monótono, aborrecido, mecânico, repetitivo, tratei de acelerar a Frieden e fazer a maior parte das conversões de moedas, possível.

Bobagem! Fruto da minha inexperiência, do meu desconhecimento da regra básica de trabalho do funcionário público “barnabé”. A

regra? “Salário pouco, trabalho pouco.” E eu, crente que estava abafando, fui chamado a atenção pelo Chefe da Repartição.

E “Chefe da Repartição” não era pouca coisa. Mas...por favor, não vá o leitor me crucificar por essa observação crítica aí de cima, deduzindo, prematuramente, que nutro alguma antipatia pelo funcionalismo público brasileiro. Nada disso. Dentro e fora da família, tenho encontrado, convivido e admirado muitos funcionários públicos, civis e militares. Entre estes cito três almirantes: Floriano Peixoto Faria Lima, Armando Zenha de Figueiredo, seu ex-professor e meu primo, e Heleno Barros Nunes. Isso é história para depois.

A sorte do meu lado, a hora do fim do expediente do Ministério, e a hora da apresentação do meu grupo no programa “Em tempo de jazz” na antiga TV Tupy, na Praça Mauá, selaram o meu destino profissional.

Se você tem curiosidade e paciência em saber o que aconteceu, enfrente o próximo capítulo.

-3-

Um autor, uma granja, uma revista e o jazz foram decisivos na escolha da minha profissão

Josué de Castro, o autor; a granja de um médico colega do meu pai, a revista “Mundo Ilustrado” e o programa “Em tempo de jazz”, decidiram o meu futuro profissional. Destino? Sorte? Estava escrito?

Josué de Castro

Não é novidade para os mais idosos – foi um médico, escritor e cientista brasileiro, pioneiro nos estudos sobre os problemas de alimentação e nutrição. Em 1932, ele realizou o primeiro levantamento para apurar as condições de vida do nosso povo.

Seus livros “Geografia da Fome” e “Geopolítica da Fome”, foram publicados em 19 idiomas e divulgados em praticamente todo o mundo.

Foi o fundador da SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, e entre outros cargos nacionais e internacionais, foi presidente da FAO – Organização de Alimentos e Agricultura das Nações Unidas, com sede em Roma, na Itália.

A leitura desses dois livros me impressionou muito. Fome no Brasil, um “País essencialmente agrícola” como se dizia antigamente?

Só a incompetência administrativa e a tradicional corrupção, até hoje (setembro de 2023), quando nos transformamos numa das principais potências agrícolas do Planeta, pode explicar o absurdo de boa parte da população passar fome.

A granja

Ficava no Itanhangá, no Rio. Um bairro que, de vários anos para cá, desenvolveu-se muito e abriga uma série de estabelecimentos comerciais de bom nível.

Foi a primeira vez que visitei uma granja, completa, comercial e bem organizada. Era uma granja de galinhas poedeiras. A palavra “frango de corte” não existia na década de 1940. O que existia era “carne de galinha” que era o descarte da poedeira quando a sua produção não compensava mais a despesa.

A maledicência da época dizia que “quando alguém come carne de galinha é prova de que um dos dois está doente.” E o alimento tradicional era a “Canja de galinha”.

Essa granja do médico (esqueci seu nome) colega do meu pai, era completa: tinha incubatório, galpão para criação dos pintos, até virarem frangas e serem alojadas no galpão das poedeiras. E até um pequeno abatedouro e geladeira para as aves abatidas no final da produção.

Então, era isso: numa área reduzida de terreno, era possível produzir dois alimentos de grande valor: ovos e carne. E, em grande escala, industrial, combater a fome.

A revista e o jazz

Sair às cinco horas do Ministério da Fazenda, ir até em casa no Leblon para voltar às oito na TV Tupy, e participar do programa “Em tempos de jazz”, não iria dar certo. Indo direto, ia sobrar muito tempo. Naquele tempo tinha uma pracinha com um poste de luz e uma banca de jornal em frente do Edifício “A Noite”, onde ficavam os precários estúdios da TV Tupy, e, não menos importante: um banco! Banco para sentar.

A banca informou que não tinha a revista “O Cruzeiro” – a mais importante da época. A solução foi me conformar com a “Mundo Ilustrado”. Quem não tem cão, caça como gato (não é com gato e sim como gato, que caça sozinho).

Abri a revista no meio. Tinha uma foto colorida, de página dupla, de uma estudante, pilotando um trator num campo de milho.

Onde? Mergulhei no texto. Aquilo era numa tal de Universidade Rural do Brasil, localizada no Km 47 da antiga Estrada Rio São

Paulo. Um campus enorme, como nas universidades americanas. Construções em estilo colonial, de muito bom gosto. Duas faculdades: agronomia e veterinária e alguns cursos do ramo.

Esse lindo projeto foi criação de um visionário e grande brasileiro, com excepcional visão de futuro, o engenheiro agrônomo, morto em 1946, Fernando de Souza Costa.

Mas, como não chega a espantar, aqui no Patropi, com o passar dos anos, o grande projeto foi se deteriorando, tanto pela criação de novas faculdades sem a menor relação com as duas originais, como o criminoso acréscimo de prédios que quebraram a harmonia do lindo conjunto original. É a tal história, “Quem nasceu para Bangu nunca vai chegar a casimira inglesa.”

Isso é História. O importante é que fui do tempo em que a Rural era um verdadeiro sonho.

Pronto! Decidido. Vou pedir demissão da chatura do emprego no Ministério da Fazenda e me matricular na Rural. Como? Isso o leitor vai ficar sabendo no próximo capítulo. É como novela: em capítulos.

Estávamos em 1954, e eu decidido a estudar Veterinária na Rural Mas, como?

Primero era prudente dar um pulo até lá para confirmar se a Mundo Ilustrado não tinha dourado a pílula.

Mas, como? Eu não tinha automóvel, meu pai estava acompanhando uma cirurgia, nos Estados Unidos e, por razões imagináveis, seu carro estava na oficina. Meu tio emprestou o dele e lá fui eu cheio de esperança.

Nenhuma decepção: tudo muito grande, bonito, limpo, organizado, gramados bem tratados, lagos, pouca gente, alojamentos confortáveis, restaurante com boa comida, servida por garçons.

Mas... sempre ou quase sempre tem um mas... Nesse caso foi uma dificuldade aparentemente intransponível. Inteligentemente, havia um curso preparatório para o exame vestibular, mas as inscrições estavam encerradas.

Cheio de tristeza voltei para casa e comentei com a minha Avó a minha decepção. Mas ela, embora contrária à decisão de pedir demissão do emprego na ausência do meu pai, me deu uma esperança, “A prima do seu pai, é amiga da Dona Olga Modesto Leal, pessoa muito influente, avó do Arnaldo Leal (esse leal nada tem a ver com o meu) que estuda lá. Quem sabe ele consegue a sua matrícula?” Não deu outra, e foi assim que tudo começou. A preocupação com a reação do meu pai na volta, durou pouco. “Você tomou a decisão certa. Aquele não era um emprego para você.”

Mas, ao fim e ao cabo, como os portugueses gostam de dizer, valeu? Se você ainda não perdeu a paciência, veja no capítulo seguinte. Prometo um texto curto.

O grande problema era a condução

O primeiro dia da ida do Leblon até a Rural foi desanimador. Primeiro um “lotação” (pequeno transporte, antecessor das atuais vans) sempre dirigido por um motorista alucinado, sem respeitar literalmente, nenhuma das mais básicas leis do trânsito.

Saltava na esquina da Avenida Rio Branco com Presidente Vargas para entrar noutra lotação, até a estação Central do Brasil.

E a coisa foi ficando cada vez pior. Espera de um detestável “trem da Central”, entupido de gente, fodor de suor e um calor infernal.

Por milagre, consegui um lugar sentado, mas com o sol diretamente na cabeça. O trem andou alguns metros e parou. O sol na cabeça.

Uma hora depois, ou coisa parecida, a chegada em Campo Grande. Calor senegalesco. Mais uma hora no ônibus da Rural, a tempo de assistir a primeira aula, às oito da manhã.

Repetir esse sacrifício toda segunda feira, dia de voltar para a Rural? Não era uma boa ideia. Era preciso encontrar uma solução. E ela veio com a venda da ação de sócio da Hípica (Sociedade Hípica Brasileira), com mais um complemento emprestado pela Vovó Nair e a compra de uma Lambretta de segunda mão, em ótimo estado.

Mas era preciso uma carteira de motociclista, o que não foi difícil. Agora eu era um AB, motociclista e motorista.

E aí estava livre daquele sacrifício. Agora, era acordar ainda no escuro, tomar o café preparado pela minha mãe, na sua companhia, enfiar um gorro de couro na cabeça (os modernos capacetes ainda não existiam) um par de luvas, o casaco de couro, botas de cano curto, pegar o carona (explico depois), e cair na estrada, me sentindo o mais livre dos seres humanos.

Mas e no inverno? E quando chovia? O desenho da Lambretta protegia as pernas e a roupa adequada quebrava o galho. Tudo

melhor do que a experiência do primeiro dia com dois lotações, trem da Central, e ônibus de Campo Grande até a primeira aula, das oito.

E a Lambretta era uma maravilha durante a semana, morando na Rural. É que os belos pavilhões em estilo colonial onde as diferentes aulas eram ministradas ficavam distantes uns dos outros, e do alojamento, e embora houvesse um transporte circular entre eles, nem sempre coincidiam com o término das aulas.

E... conforto supremo: quando a Lambretta necessitava de manutenção, havia um caminhão que todas as semanas trazia o que a gente necessitava para o Rio, ida e volta. De graça!

Professores do primeiro time, mas um incompetente e outro maluco

O incompetente era o de Anatomia, do primeiro ano.

Muito empistolado não era efetivo e não se submetia a um concurso na certeza de que não seria aprovado. Há mais de dez anos, não era efetivado.

Ditava aula como no curso primário. E o assunto, durante o ano todo era só osteologia (ossos), sem nenhum atrativo ou motivação.

E para fingir que era bom professor, só dava nota baixa. Uma simples omissão num buraquinho desimportante num osso, era suficiente para baixar a nota.

Decidimos montar um “esquema” para acabar com essa situação. Eu era parte desse esquema, e fiz o seguinte; copieei em pequenos papéis – a tradicional cola - o caderno do Prucoli, o primeiro aluno, e na prova final, respondi às perguntas de forma absolutamente igual, sem mudar uma palavra. E tirei a segunda nota da turma: 3,75 (com segunda casa decimal). A primeira, foi do Prucoli.

O leitor adivinhou: pedi revisão de prova, levando o caderno e a cola. Provei que as minhas respostas estavam totalmente de acordo com aquilo que o “professor” ditou. E o Reitor fez a pergunta que teria que fazer: “O senhor está confessando que colou toda a prova?” Sim, estou como prova de que esse falso professor não deve continuar desmoralizando a nossa Faculdade.

Depois da frase regulamentar – “Vou pensar” – ele pensou e pensou bem: demitiu o epistolado farsante e importou de Minas um excelente professor, simpático, atualizado e competente.

O maluco

Era o professor de cirurgia de grandes animais que operava cavalos de corrida. Muito vaidoso e exibicionista chegava ao extremo de mergulhar os dedos no sangue da cavidade cirúrgica para manchar seu avental e o próprio rosto.

Defendia a tese de que que era o pioneiro na cirurgia das cordas vocais de cavalos “roncadores”, situação que os impedia de correr no prado.

Se isso era conversa fiada ou verdade, como não especialista, não tenho como julgar.

Vocês querem saber o nome desses dois pilantras dos idos da década de 1950? Não conto, não.

-7-

Paulo Dacorso Filho
um verdadeiro mestre
um exemplo
um grande apoio
na minha carreira
um amigo

Tomando café com a mulher na nossa casa em Teresópolis, de olho nos beija-flores, ele perguntou: “Luiz Octavio, já não está na hora de você me chamar de você?” Não prometi, nem nunca consegui.

Um mestre com espírito superior

Onze da noite, Lula e eu estudando para a prova prática do Dacorso, no dia seguinte. Com sono e cansados, decidimos que caprinos não iriam cair.

Aí, chegou o dia e a divisão dos alunos nas diversas mesas com os cadáveres. Dr. Luiz Horta Barbosa, Dr. Fulano e Dr. Beltrano, na mesa da cabra.

“Professor – peço que o senhor me examine com qualquer outro grupo, menos no da cabra.” – “Lula, não posso abrir exceção para não tumultuar o exame”. Ele fincou uma faca no flanco da cabra, murmurou uma palavra (provavelmente um palavrão), pegou a Lambretta e foi embora.

Muito mal estar e silencio total na sala. O Dacorso não se alterou e prosseguiu examinando. No final, me chamou à sua sala. “Você está com a Lambretta aqui?” “Então vá à procura do seu amigo e lhe diga o seguinte: primeiro, não tenho medo dele como homem, segundo, prevejo que, pela sua inteligência, ele terá um futuro

profissional brilhante e não permitirei que arrisque isso por um impulso que não soube controlar.”

Fui e encontrei o meu amigo na lanchonete, ao lado do alojamento, tomando um milkshake, ainda fulo da vida. Consegui amansá-lo e, cada um na sua Lambretta, voltamos para o novo encontro com o Dacorso, que, calmamente, lhe deu uma boa lição de vida e o examinou.

Passaram-se os anos e o Lula “Comunista” sem ter conseguido tratar uma filha recém nascida de uma doença ainda desconhecida aqui, levou-a para um Hospital Infantil, em Chicago, onde depois de 15 dias, o casal recebeu o diagnóstico tranquilizador: quando chegar a puberdade ela ficará curada sem necessidade de nenhum remédio e nenhuma dieta especial.

Livre deste problema, ele conseguiu um estágio no Departamento de Virologia da Pfizer, no estado da Indiana, e tempos depois, foi aceite como virologista no NIH – National Institutes of Health, o maior centro de pesquisa médica do planeta, com 18 mil cientistas.

Lá, isolou, pela primeira vez no Planeta - no sistema nervoso central de mulheres, de aborto preventivo - o vírus da panencefalite subaguda esclerosante.

Mas, para alcançar o topo da carreira, era preciso cantar o hino e jurar a bandeira. E o Lula “Comunista”, virou americano, e eu, o Lula “Entreguista”, porque assinava duas revistas americanas de avicultura industrial, vivo aqui nesse caos de um país que ainda não se tornou uma nação civilizada.

O que o Dacorso tem a ver com o destino do Lula? Na minha opinião, tudo.

A opção pela moderna avicultura industrial

Primeiro, explico porque fui estudar veterinária já sabendo a razão. E a razão era a convicção do papel futuro da avicultura industrial como fornecedora de enormes quantidades de produtos – frangos e ovos – do mais alto valor nutritivo. Os ovos têm todos os nutrientes necessários para alimentar a espécie humana, com a única exceção da Vitamina C, e a carne de frango é uma proteína da mais alta qualidade.

E, como já contei, fui influenciado pela leitura do “Geografia da Fome” e do “Geopolítica da Fome”, do grande Josué de Castro, traduzidos em 19 idiomas. E também pela granja, no Itanhangá, de um médico colega do meu pai.

Mas muito importante foi o fato de o Dacorso ter percebido e apoiado o meu desejo de aprender sobre avicultura ainda que sendo o único numa turma de quase 40 alunos.

E o pessoal, antes das aulas de Anatomia Patológica, me gozava: “*Olhaí* as galinhas podres que o Dacorso arranjou para o Luiz Octavio. Mas, sem dúvida, foi com elas – mal cheiro à parte – que aprendi o que me foi útil para as décadas seguintes.

A avicultura da década de 1930 tinha como principal função fornecer adubo para as plantações de café, e nas décadas seguintes, era muito precária, com índices de produtividade ridículos comparados com os atuais.

Dou um exemplo de uma granja produtora de frangos de corte, da qual fui sócio e técnico responsável: em 90 dias, produzia-se frangos com uma média de peso de 1.400 a, no máximo, 1.500 gramas. Atualmente, um frango pesa 2.000 gramas, com 40 dias de idade. Sugiro que o leitor pegue a máquina de calcular e multiplique essa diferença por 50.000, que é o tamanho usual de uma granja de corte.

Milagre, hormônio? Nem um, nem outro, mas uma soma de pesquisa de alto nível – notadamente nos Estados Unidos – nos campos da nutrição, da genética e do manejo. E, em relação a este, o grande destaque – que ajudei a implantar no Brasil – foi o que os americanos chamam de “all - in-all - out”, ou seja, a granja precisa alternar períodos de completamente cheia, com períodos de completamente vazia. Aprendeu-se a duras penas e muito prejuízo que manter um esquema de produção de frangos escalonado, dava um prejuízo crescente com o uso de antibióticos para controlar as doenças. O período em que a granja está vazia, sem uma única ave no local, é dedicado à limpeza e desinfecção, o que garante, que as infecções que eventualmente estejam começando não progridam.

Da teoria à prática

O meu grande mestre da avicultura prática foi o José Francisco Guimarães. Foi com ele que, pela primeira vez, entrei num galpão com milhares de poedeiras, depois de desinfetar os pés num pedilúvio encharcado com uma solução desinfetante. Mãos lavadas. Higiene!

Comecei aprendendo a maneira correta de segurar a ave com uma das mãos, a quilha (osso esterno) apoiada na palma e a cloaca virada para o lado de fora para evitar, eventualmente, sujar o operador.

Com a ave dominada, com as pernas apertadas entre os dedos do operador e a quilha apoiada, está na hora de iniciar os exames de rotina. Primeiro os olhos, para ver se as pupilas estão no formato circular. Se estiverem apenas parcialmente redondas é sinal de leucose, o que a condena como reprodutora. Outro exame, em seguida, é o *culling*. Com o dedo indicador da mão livre, examina-se o afastamento dos ossos por onde os ovos saem. Se estiverem juntos, sem espaço livre, é mau sinal, não se trata de uma boa poedeira. Se afastados, tudo bem.

Agora começa um trabalho enorme que exige organização, uma equipe treinada e prática: colher sangue da veia da asa de cada uma das milhares de aves, causando nelas, o menor estresse possível, porque estressadas elas podem suspender a postura.

A operação é feita com um estilete que tem numa das pontas uma agulha bem fina e a outra em forma de um pequeno círculo. Com a primeira, punciona-se a veia da asa, e com a outra, colhe-se uma pequena gota de sangue. Em seguida, deposita-se essa gotinha num dos quadrados de uma placa de vidro previamente preenchida com um antígeno. Se, em dois minutos a mistura ficar clara, tudo bem, mas se ficar turva é sinal de pulorose, que iria causar no pinto a “diarreia branca”, que pode ser fatal. Conclusão: essa ave não deverá ser usada como reprodutora.

Dá um trabalho danado, mas é indispensável.
Uma equipe de três pessoas fará um bom trabalho se conseguir examinar duas mil aves no período de umas quatro horas.

Convido o leitor a pensar no quanto de trabalho, dedicação, técnica, e dinheiro, são necessários para que ele saboreie um ovo de qualidade ou uma coxa de frango. Antes do supermercado, muita coisa acontece!

Ao Guimarães e à sua paciência comigo, minha gratidão eterna.

CNA - Comissão Nacional de Avicultura sete anos de um trabalho útil e muito prazeroso, importante para mudar a história da avicultura brasileira

Saudade e orgulho é o que sinto da época em que ainda jovem, fui Chefe da Divisão de Treinamento e Divulgação da Comissão Nacional de Avicultura.

Ela funcionava no terceiro andar do antigo prédio do Ministério da Agricultura, no Largo da Misericórdia (nome adequado para o Ministério da época!) sem número, no Centro do Rio.

O comando era do grande Mário Vilhena, engenheiro agrônomo e jornalista a quem a modernização da avicultura brasileira deve muito, e eu também.

O vice era o não menos grande Jorge Vaitsman, veterinário bacteriologista e jornalista que me deu um inesquecível “curso de jornalismo” em menos de meia hora.

Em resumo, a história é a seguinte. O Vilhena tinha uma página semanal de agricultura, no então importante jornal Correio da Manhã. Pedi a ele a oportunidade de publicar um artigo da minha autoria, na sua página. “Escreve e mostra ao Vaitsman”. Fiquei um tempão para escrever duas laudas, tomei coragem e fui mostrar ao Vaitsman. Ele fazia pose de mau, de apressado, de rigoroso, mas era tudo mentira. Tinha um coração de ouro escondido dentro do peito (parece frase feita!).

Esperei o momento oportuno, sentei na cadeira ao lado da mesa dele, respirei fundo e entreguei-lhe as minhas primeiras duas laudas, da pretendida futura carreira de veterinário – jornalista.

Ele tirou um lápis de trás da orelha, leu atentamente as duas laudas e proferiu a sentença; “Está uma merda!”

“Mas vou lhe dizer porque: você botou o lide na parte de baixo. Lide é o mais importante e vem de líder. E todo líder lidera e para liderar mude para o princípio. Depois, você está abusando dos adjetivos, e adjetivo demais perde a força. Artigo de jornal comum, destinado ao público geral não é veículo científico e deve ter palavras simples, de uso comum. Outra coisa: quem gosta de ordem indireta é grego, da Grécia Antiga. Escreva sempre em ordem direta e nunca confunda popular com popularesco. Prefira a linguagem simples, mas evite usar gírias.”

E, então, a nova sentença: “Vilhena, pode publicar, ele tem jeito.”

Eu ainda era novo para o primeiro infarto.

Mas acho que era numa segunda feira e o meu artigo só sairia na página de sábado da coluna do Vilhena. E agora? O leitor que me conhece imagina o quanto de ansiedade houve na minha cabeça até chegar a madrugada de sábado, comprar o jornal na banca e confirmar: o meu artigo saiu! E graças ao Vilhena e ao Vaitsman virei jornalista supostamente bem sucedido no último meio século, e perto dos 90 anos, ainda cheio de planos.

Minha gratidão à essa dupla é grande.

A CNA – era composta de funcionários do Ministério da Agricultura, de técnicos contratados, como no meu caso, e de avicultores destacados, que participavam das reuniões mensais.

Figuras brilhantes participaram dessa Comissão, que revolucionou a avicultura brasileira até torná-la o grande sucesso mundial dos nossos dias.

Alguns exemplos além dos citados Mário Vilhena e Jorge Vaitsman no capítulo anterior: o avicultor, independente, experiente, que promovia visitas à sua granja, em Nova Iguaçu, Carlos Mendes de Oliveira Castro; o avicultor em Petrópolis, João Navarro de Andrade, engenheiro agrônomo com ampla formação profissional internacional e que nunca fazia cerimônia em dizer o que pensava, embora sem perder o bom humor. Entre outros, deixou como descendente o também engenheiro agrônomo Alfredo Navarro de Andrade, grande mestre da avicultura industrial, com Phd pela Universidade de Purdue e que divide o tempos em trabalhos entre Petrópolis e os Estados Unidos.

Chefe da Divisão de Treinamento e Divulgação era o meu cargo. A função era levar avicultores, atuais e futuros, para visitar granjas de demonstração do ETA-42 (Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos – Avicultura), proferir, palestras ilustradas com projeção de slides, atender, no escritório, traduzir folhetos americanos, escrever para a antiga Rádio Rural, do Ministério da Agricultura, colaborar com o SIA –Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, e com a página semanal do diretor Mário Vilhena, no jornal Correio da Manhã.

Nessa época escrevi dois livretos, um sobre a produção de ovos, discorrendo sobre a anatomia do oviduto, a formação do ovo, os testes de qualidade, e outras informações básicas, e outro sobre a produção industrial do frango de corte, embrião do meu primeiro livro, homônimo, “Produção Industrial do Frango de Corte”, editado em 1971 pela Editora Brasileira de Agricultura, do jornalista paulista Lauriston Von Schimidt, um grande incentivador da moderna avicultura brasileira, produtor de eventos nacionais e internacionais, e que editava, também a mais importante revista especializada da época.

Salvo engano, esse livro foi o primeiro a tratar desse assunto, abrangendo: criação – processamento e comercialização em, 227 páginas ilustradas com fotos de página inteira referentes à industrialização e comercialização.

Fiquei com o ego bem afagado, com a decisão de uma importante multinacional, fabricante de rações, de comprar grande parte da edição para distribuir aos seus funcionários.

Destaco alguns capítulos para dar ao leitor uma ideia do conteúdo da obra: moderna avicultura de corte – importância da carne de aves na alimentação – especialização – criação de matrizes – manejo e alimentação dos machos – principais problemas da incubação – nutrição e eclodibilidade – desinfecção do incubatório – seleção e venda de pintos – criação de frangos de corte – criação em ambiente controlado – processamento industrial de frangos de corte - enlatamento de carne de aves - avicultura é um bom negócio? - como vender mais – avicultura no combate à fome – o técnico – genética do futuro – vacina do futuro – conservação do futuro.

O trabalho de assistência a granjas

Oito horas da noite, casado, com três filhos, jantando, no nosso apartamento do Leblon. Toca a campainha. Um muito educado cliente permanente, dono de uma granja importante. Uma caixa de sapato com uns seis pintos dentro. “Desculpe a invasão nessa hora da noite, mas é que estão morrendo dezenas, com esse jeito.”

Fomos à cozinha, para o exame e a necrópsia. Diagnóstico: encefalomalacia, conseqüente de carência de Vitamina E. Solução: comprar uma lata de óleo de amendoim, de uso doméstico, fazer dois furinhos e molhar o comedouro com um risco do óleo. Os pintos gostam e os que ainda não atingiram um nível importante dessa carência, se recuperam, e os sadios não adoecem.

Era uma vida de muito sacrifício, compensada pela vocação e pelo prazer de, em grande parte das vezes, conseguir bons resultados. E a gratidão do avicultor.

Não havia telefone celular e a comunicação telefônica, assim como a maior parte das estradas, eram de péssima qualidade. A consequência é que quando chegava em casa de um atendimento. digamos em Campo Grande, havia um recado de uma chamada urgente para uma granja em Jacarepaguá. “O criador ligou desesperado dizendo que os frangos estão morrendo às dezenas.”

Um copo d’água, 10 minutos de descanso, e... na velha picape Kombi, começar tudo de novo, com a minha bolsa quadrada, com uma madeira cheia de furos com vidros de formol e outros – para coleta de material para exame histopatológico e bacteriológico, ferros para necropsia, avental e sabão desinfetante.

O material para exame histopatológico era entregue ao Dacorso, no seu laboratório em Copacabana, junto com um formulário preenchido com as minhas observações clínicas e macroscópicas, e quando necessário, o material para exame bacteriológico ia para o Jorge Vaitsman, ambos anteriormente citados.

Com uma atualização técnica permanente, uma grande dedicação e o apoio desses profissionais da mais alta competência, eu acertava mais do que errava, o que cada vez aumentava mais, entre os criadores, o meu conceito de profissional confiável. Isso foi aumentando a clientela e a área de atuação, inclusive em outros estados. Mas, se eu tinha uma razoável habilidade como veterinário especialista, o mesmo não acontecia com a capacidade de cobrar pelo serviço prestado, que muitas vezes era pago com um muito obrigado e uma eterna gratidão.

O curso na Universidade do Texas

Era o início da década de 1960 e eu permanecia na CNA- Comissão Nacional de Avicultura, encarregado da assistência técnica e da comunicação. Já era jornalista sindicalizado e colunista do então importante JB-Jornal do Brasil, editado pelo famoso Alberto Dines.

Tive o privilégio de participar do grupo de avicultores, veterinários e agrônomos enviado para um curso intensivo, de três meses, nos Estados Unidos, como convidado oficial deste país. Todas as despesas pagas - com exceção das passagens, bancadas pela CNA - e um belo cheque americano, semanal.

Foi no Departamento de Ciência Avícola, da Universidade do Texas (Poultry Science Dep. –Texas A&M College). A Universidade ficava perto da cidade de Bryan e tinha qualquer coisa como 50 mil alunos, e um campo de aviação suficientemente grande para receber aviões quadrimotores da US Air Force.

O leitor sabe: intensivo nos Estados Unidos, significa...intensivo. Aulas das oito às cinco, com uma hora para almoço, todos os dias, mais uma por semana, à noite (ideia do grupo), e viagens de instrução todos os finais de semana.

Coisa interessante – vale a pena contar – aconteceu numa viagem de sábado numa cidade minúscula, perto da fronteira com o México, cuja principal atividade econômica era a produção de frangos de corte. Fomos apresentados – cada um se identificando, inclusive o motorista da Grayhound – no bonito gabinete do prefeito, com sua família.

Terminada a conversa oficial, fez-se silêncio, e eu, sentado numa cadeira ao lado da mesa do prefeito, comecei a batucar, baixinho o som de um surdo na batida de samba. Um baiano, bom de ritmo, fez um reco-reco com o pente numa caixa de fósforo; outro, o repinique com a caneta num copo. Estava formada uma escola de samba...

Animado, o prefeito mandou a filha buscar um tambor em casa, que me entregou em substituição à batida na mesa.

Todo mundo, literalmente todo mundo, inclusive o prefeito, liderando (afinal, ele era o prefeito, a autoridade), sua senhora, a filha, o motorista, o nosso guia-tradutor, em fila, mãos nos ombros uns dos outros, sambando em pleno gabinete do prefeito.

Deu manchete de primeira página do jornal local.

Voltando ao curso: ele incluía uma parte teórica, em sala de aula, no Departamento, tudo muito bem organizado, com a gente usando fones, e um casal que se revezava na tradução. Resumo do conteúdo da aula, em cada mesa, tudo facilitado. E aulas práticas. A primeira foi sobre a melhor maneira de espalhar maravalha, no galpão vazio e já desinfetado, para receber o próximo lote de pintos.

Teve quem não entendeu nada e reclamou que não veio para os Estados Unidos fazer trabalho braçal.

O chefe do Departamento era o Doctor John Quisenberry, que dirigia uma série de pesquisas para a produção de alimentos derivados de ovos e de aves, para os futuros astronautas da NASA. Fui seu tradutor nas poucas palestras que fez no Brasil.

O nível dos professores, especialistas até em hematologia de aves, era alto.

Tornei-me o especialista em fotografia das aulas práticas. Uma vez por semana, numerava os slides da semana anterior, espalhava-os na minha cama e os colegas faziam a escolha dos que lhes interessavam mandar copiar.

Tenho a pretensão de que, espalhadas por grande parte do Brasil, essas fotos colaboraram para a introdução das modernas técnicas de manejo da avicultura industrial, aqui entre nós.

Conheci muita gente interessante durante esses noventa dias, mas o destaque foi o inesquecível Rubens Nilo, cirurgião do primeiro time, culto, inteligente, carismático e com uma disposição permanente de ajudar os semelhantes. Bem casado, com uma escritora talentosa, prematuramente falecida, nos causava uma sadia inveja – quase todos casados e com filhos – pela grande quantidade de cartas que recebia todas as semanas. De brincadeira, perguntávamos se ele concordaria em nos emprestar

algumas dessas cartas para que nós também pudéssemos matar as saudades de casa.

Fui seu companheiro na redação do Relatório Final do Curso (“Final Report”), exigido pelo Departamento de Estado, para a concessão dos certificados de conclusão. Isso nos valeu a vantagem da cabine especial do trem, na longa viagem para Washington.

Ele, e seu cunhado, Ciro Scarpa, foram sócios da Granja Sétimo Céu, na cidade de Itanhandu, no Sul de Minas, onde moravam, e da qual foi um verdadeiro benfeitor, sempre respeitado e muito querido.

A Sétimo Céu, por sua vez, foi o embrião da atual maior granja de poedeiras do Brasil –uma das maiores do mundo – de um contraparente seu - que funciona em três estados, com mais de um milhão de poedeiras.

Importador de tecnologia avançada

Hubbard

Nas diversas viagens ao exterior, notadamente aos Estados Unidos, conheci muita gente, e visitei muitas empresas dos diversos segmentos da avicultura.

Descobri que a Hubbard, uma campeã da genética de pintos de corte, ainda não havia descoberto o Brasil. Não entendi porque, afinal já éramos um mercado de bom tamanho. Localizei um sócio potencial, dono de uma granja aparentemente bem organizada, aqui no RJ, de um *self made man* que começou a vida, no ramo, vendendo galinhas vivas numa loja modesta. Aparentemente, ele tinha vocação para empresário.

Achei que essa associação seria um bom caminho e fui aos Estados Unidos conversar com o próprio Hubbard (Wentworth Hubbard, se a memória não está falhando). Conversa vai, conversa vem, fui bem sucedido e ele concordou em me dar a representação da sua marca, no Brasil. A ideia era importar pintos matrizes, criar as fêmeas, selecionar os ovos dentro dos padrões estabelecidos pelos geneticistas da Hubbard, incubá-los e vender os pintos para os produtores de frangos de corte.

Corria tudo muito bem, ou parecia que corria, quando, depois de vários meses da operação caminhando, numa incerta na granja, fiz a terrível descoberta de que, por determinação do dono, a seleção dos ovos para incubação não estava sendo feita. E isso era absolutamente sagrado, um item fundamental da preservação da qualidade de uma marca internacional que me havia sido confiada, pelo próprio presidente. Resisti à tentação de dar uma bronca fenomenal no *self made*, (naquela época eu era bom de bronca), nem muito menos nos empregados do incubatório que, afinal, estavam cumprindo ordens do patrão. Em vez disso, entrei no fusca e voltei para casa com o cérebro fervendo e decidido a confessar para a Hubbard Poultry Farms que eu não tinha mais condições de

prosseguir no negócio, por não confiar nos procedimentos do meu sócio.

A comprovação de que eu não estava exagerando, tive, na porta do elevador, quando o *Self Made*, me perguntou, baixinho, perto do ouvido: “Luiz Octavio, esse negócio de genética existe mesmo, é para valer, ou é um truque desses gringos para tirar dinheiro da gente?” É o clássico problema: os *self made* costumam tocar de ouvido. Se não estivéssemos num andar tão alto, teria descido pela escada.

No mesmo dia, escrevi para o Mister Hubbard agradecendo a confiança que havia depositado em mim, e explicando os motivos pelos quais não poderia mais representá-lo.

Em resposta, recebi uma carta muito gentil, assinada pelo presidente, afirmando que agradecia o esforço que eu tinha desenvolvido em favor da empresa dele, que se considerava em dívida comigo, e perguntava como poderia saldar essa dívida.

Respondi me desculpando pela má avaliação que fiz do meu sócio e afirmando que ele não me devia nada.

Passados alguns meses ele começou uma negociação com uma granja de São José dos Campos, de propriedade de um rico empresário paulista, dono da antiga estação rodoviária do Centro da Cidade e do jornal Folha de São Paulo. E me mandava cópia da negociação.

Importador de tecnologia avançada

Big Dutchman

Conta a história, que tudo começou em 1938, no estado de Michigan, Estados Unidos, onde os irmãos Jack e Dick Dewit tinham uma granja. Nessa granja, trabalhava um empregado habilidoso em questões de mecânica. Sua função principal era abastecer de ração, todas as manhãs, as dezenas de comedouros primitivos, usados nas granjas da época. Acontece que ele achava esse trabalho muito chato e bolou uma forma de simplificá-lo.

A forma foi adaptar uma velha bicicleta a uma corrente que, deslizando, às pedaladas, sobre uma calha metálica, possibilitava que ele depositasse a ração ao seu lado, que a corrente se encarregaria da distribuição por todo o comprimento do galpão.

A ideia era boa, promissora, mas ainda muito primitiva e funcionava mal. Foi então que a empresa se mudou para a Holanda (daí o nome), no final dos anos 50, e, em 1985, para a Alemanha, onde aperfeiçoou esse equipamento e criou muitos outros.

Atualmente, a Big Dutchman existe em todos os continentes e é a grande fabricante mundial de equipamentos avançados para a produção de ovos, de aves e de porcos.

A filial brasileira está sediada no município paulista de Araraquara.

Mas, qual é a minha relação com essa história?

É que informado da existência desse moderno comedouro automático, de corrente, na década de 1960, me interessei pelo assunto e comecei a pensar numa forma de representar a Big Dutchman no Brasil, primeiro importando esses comedouros automáticos e depois fabricando aqui. Depois de muitas tentativas lembrei-me da USIMECA, em Nova Iguaçu (RJ), onde trabalhava o meu conhecido, Luiz Carlos Peixoto, (filho do fundador), o famoso velejador da classe Star – Lulu Peixoto, proeiro do super campeão Harry Adler, e avicultor nos fundos do terreno da fábrica. Esse

esquema funcionou durante algum tempo, e depois me desliguei do assunto, fui cuidar de outras coisas e não lembro como essa história terminou.

-14-

Fora da CNA

Dentro da SCAL-RIO

“Esse curso que vocês fizeram nos Estados Unidos para mim ou merda é a mesma coisa”. Foi a frase de apresentação do novo chefe da CNA-Comissão Nacional de Avicultura, o inteligente agrônomo que comprou biquíni para a amante e para a mulher na mesma loja, em Copacabana, com a consequência fácil de imaginar.

A vantagem é que nós, um grupo de jovens entusiasmados com a possibilidade de empregar aqui as técnicas que havíamos acabado de aprender num curso no Departamento de Ciência Avícola da Universidade do Texas, ficamos logo sabendo o tipo de gente que teríamos que enfrentar.

“Você, o mais experiente, vou transferir para São José do Vale do Rio Preto” na época uma importante região avícola do RJ.

Mas, casado, pai de três filhos e carioca convicto, pensava diferente: disse que não iria e, com uma carta contendo um palavrão (prudentemente suprimido pelo colega, mais velho, Carlos Mendes de Oliveira Castro), pedi demissão.

Mas o inteligente chefe que comprou biquíni para a amante e para a mulher na mesma loja de Copacabana, disse que não me daria demissão. Como eu continuava pensando diferente, não dei adeus e fui embora.

Foi quando o meu amigo, conselheiro e fã, Carlos Mendes de Oliveira Castro (o querido Castrão) promoveu um jantar na varanda do seu apartamento de Laranjeiras, com vista para a mata, para me apresentar ao grande empresário da avicultura brasileira, Renato Antonio Brogiolo, que, sem muita conversa, perguntou quanto eu ganhava na CNA, e me propôs exatamente o dobro para montar um esquema semelhante da CNA, na SCAL, o que aceitei antes da sobremesa.

Agora, não resisto à tentação de lhes contar uma história que julgo interessante.

O novo chefe da CNA, gaúcho, dava assistência à granja do então presidente da Varig, seu conterrâneo, e, em seu benefício, conseguiu a aprovação de um decreto federal proibindo a importação de matrizes, o que significaria a morte da moderna avicultura que começava a se desenvolver aqui.

Mas, para suprema falta de sorte do homem que comprou biquíni para a amante e a mulher na mesma loja de Copacabana, fui à Miami, e lá, conversando com um amigo, gerente da Varig, na sua casa, bem servida de uísque e de discos de jazz, ele perguntou se eu já havia me formado. Disse que sim e me especializado em avicultura. Foi quando, sem saber, ele me contou uma “bomba”

Tinha horror a ter que acordar de madrugada para ir ao aeroporto fiscalizar o embarque, para a granja do presidente da Varig, no Rio Grande do Sul, de um monte de pintos, chamados “matrizes”, que custavam um dinheirão.

O leitor atento, já entendeu: o novo presidente da CNA, conseguiu um decreto para liquidar com os concorrentes do seu patrão, que, através, da sua situação privilegiada de presidente da Varig, estava contrabandeando matrizes para a sua granja.

O Brasil é Brasil desde 1500.

Foi então que denunciando essa trama na minha coluna no Jornal do Brasil, o vigarista da CNA me ameaçou de morte, risco eliminado pelo simples fato dele ter morrido antes.

A frase que publiquei e que o irritou foi: “Em relação à tal providência (detalhada na coluna) o Dr. Fulano, antes de executá-la, deveria ter raciocinado. Ainda que isso lhe custasse algum sacrifício.” Dessa parte final ele não gostou...

Meu trabalho na SCAL-Rio

Assistência técnica aos grandes clientes. Era essa a minha responsabilidade na SCAL-Rio nome derivado da empresa fundada em São Paulo, Sociedade Comissária Avícola Limitada, onde era boy o futuro destaque na avicultura profissional brasileira, Renato Antônio Brogiolo, ou, simplesmente, Renato Brogiolo, ou o Renato da SCAL.

A empresa no Rio, funcionou durante várias décadas no mesmo endereço, na antiga Rua Larga, atual Marechal Floriano num prédio com subsolo, térreo, primeiro e segundo andares.

No subsolo ficavam os equipamentos para avicultura; no térreo, o varejo, no primeiro o atendimento aos donos de animais de estimação, e aos criadores não profissionais, além de uma farmácia veterinária e de uma série de produtos de uso no campo. Um médico veterinário prestava assistência técnica grátis.

O segundo andar era o do gabinete do Renato, a do contador e o da minha sala. Tudo muito bem decorado, refrigerado e com móveis do grande marceneiro-artista da moda: o português Tenreiro.

Como já contei, fui contratado com o objetivo de montar um esquema semelhante ao da CNA–Comissão Nacional de Avicultura, e o Renato me deu carta branca para isso.

A assistência aos grandes clientes, era prestada, das nove às dezessete horas, com uma hora para almoço, num restaurante alemão, ali perto, geralmente na companhia do Renato. A conversa, como era de se esperar, era sobre...avicultura.

Montei um esquema do tipo “Extensão Rural”, com diversos recursos de comunicação – que incluíam apostilas, gráficos, desenhos, fotos, além das respostas às perguntas específicas.

Quando havia justificativas técnicas e comerciais, minha assistência incluía visita à granja do cliente – inclusive fora do RJ – ou à uma

unidade de demonstração, para mostrar, na prática, o que conversáramos no escritório.

Era divertido, estimulante, e obrigava a me manter permanentemente atualizado, principalmente através da leitura de livros e de revistas americanas. Em português, a “bíblia” da época em matéria de doenças das aves era o tratado – em dois grossos volumes – de autoria de Reis e Nóbrega, certamente um dos mais importantes, detalhados e confiáveis do mundo, na época.

E também era muito bom para conhecer pessoas inteligentes e produtivas. Conhecer pessoas, sempre foi assunto do meu interesse, e foi através delas, da experiência delas, das conversas com elas e dos conselhos delas que consegui me desenvolver como profissional e – suponho eu – como gente.

Dessas pessoas a quem prestei a melhor atenção de que fui capaz, aprendi mais do que ensinei. E, dos professores, e dos meus chefes, muito mais. Deles, apesar das limitações dos meus 89 anos (setembro de 2023), me lembro com carinho e imensa gratidão.

Adiante, vou escrever um capítulo sobre eles.

-16-

Pessoas a quem devo muito na minha formação profissional e como gente

Luiz Pires Leal – meu pai. Cirurgião de pronto socorro. Calmo, equilibrado, otimista, mais tarde administrador de vários hospitais e de outros cargos de confiança, até o nível de Secretário Geral do Ministério da Saúde.

De um simples olhar, emanava uma autoridade impressionante, sem falar alto, sem ironia, sem nomes feios, sem humilhação. Tinha uma grande capacidade de convencimento e viveu para ajudar as pessoas e fazer justiça. Ainda hoje (outubro de 2023) encontro gente que se refere a ele, com olhos marejados.

Sua influência foi decisiva na formação do meu caráter, da minha personalidade e para o meu futuro profissional.

À sua simples lembrança, até hoje, me emociono.

Considero um privilégio ter tido um pai assim, por quem tenho uma imensa gratidão.

Beatriz Vieira Pires Leal – minha mãe. Inteligente, dedicada, culta. Contrastava como o temperamento do marido: briguenta, discutia política, com grande animação. Formada pelo antigo Colégio Sion, quando todas as aulas eram ministradas em francês, dominava esse idioma, adorava Paris e quase teve um ataque quando as tropas de Hitler invadiram a Cidade Luz.

Cuidava desse seu filho único com imenso carinho e acordava de madrugada para me servir o café, toda segunda feira, quando eu saía na minha Lambretta para a Universidade Rural.

Terminou seus dias cuidada pela minha mulher, Nury, que era a única pessoa em quem confiava para as tarefas mais, constrangedoras, geralmente de madrugada.

Nair Zenha Vieira – lindos olhos azuis, postura elegante, carregava o peso da viuvez aos 19 anos, com um casal de filhos. Irmã de um banqueiro, que, mais velho e, com a mentalidade comum nessa atividade, não a protegeu, digamos, na medida correta, em termos de herança.

Mas nada disso impediu que ela dispensasse muito carinho a esse seu neto único, a quem vivia aconselhando prudência.

Paulo Dacorso Filho – teve importância decisiva na minha formação profissional, com suas aulas sobre anatomia patológica das aves.

Depois de formado, montei um esquema profissional com ele, que, rapidamente, em seu laboratório de Copacabana, examinava as amostras do material de necropsia que lhe enviava, acompanhado de um relatório sobre os achados macroscópicos, além das observações clínicas feitas nas granjas.

Mais do que professor e aluno, nos tornamos amigos.

Fui o escolhido pela viúva, D.Linda (Olinda) para escrever o resumo da sua vida para uma revista internacional de anatomia patológica.

Examinando seu arquivo, encontrei uma carta timbrada da Universidade de Harvard, perguntando se ele aceitava ser Professor Convidado da Faculdade de Medicina, daquela que é uma das, ou a mais importante universidade do mundo.

Morreu de um linfoma semelhante ao que estou sobrevivendo há 30 anos, em que pese ter sido diagnosticado incurável. Milagre? Não exatamente. Nesse caso, devo a minha sobrevivência a um recém chegado – na época, jovem - de uma universidade dos Estados Unidos, Daniel Tabak, que foi o introdutor do transplante de medula no INCA e tornou-se um dos mais importantes profissionais do ramo, no Brasil.

Mário Vilhena – mineiro, nascido pobre, criado pobre num estabelecimento para menores, inteligente, determinado, formou-se em agronomia e exerceu a profissão de jornalista. Foi membro destacado do SIA – Serviço de Informação Agrícola do antigo Ministério da Agricultura e depois, o grande presidente da CNA- Comissão Nacional de Avicultura que juntamente com outras poucas organizações, lançou as bases dessa atividade, em nível industrial, no Brasil.

Titular de uma página semanal sobre agricultura, no então importante Correio da Manhã, me deu a oportunidade de também me tornar jornalista especializado em avicultura.

Fui um dos selecionados por ele para um curso sobre *Poultry Production and Marketing*, no *Poultry Science Dept.* da *Texas A&M College*, que foi da maior importância para a minha formação técnica.

Fui nomeado por ele, Chefe do Setor de Treinamento e Divulgação, atividade que exerci com dedicação, intensidade e prazer, durante cerca de seis anos. Deixei, quando um idiota empistolado substituiu o Vilhena. Fui ganhar o dobro na SCAL-Rio, uma ótima empresa do ramo.

Renato Antonio Brogiolo – um misto de patrão, amigo e companheiro de almoço, era o dono do complexo SCAL-Rio / Granja Branca – Parks.

SCAL-Rio era uma loja de subsolo, térreo e primeiro andar, de utilidade tanto para amadores como profissionais.

Granja Branca (de Bianca, sua mãe) ficava em Campo Grande (RJ) e produzia matrizes. O Parks era devido à associação do Renato com o Robert Parks, geneticista da Universidade da Pensilvânia, e avicultor e residente na pequena cidade de Altoona, antigo centro ferroviário.

O professor Robert Parks era conhecido por ter inventado a sexagem dos pintos pela asa. Pela asa? Isso mesmo. Identificação do sexo dos pintos recém nascidos pela asa? Juro!

A grande importância desse método simples é que ele permitia livrar-se do forte sindicato de sexadores dos Estados Unidos,

geralmente de japoneses, que cobravam caríssimo por essa atividade indispensável.

Explico como se faz a sexagem dos pintos, pela asa. É que as asas, desde o primeiro dia de nascimento das aves, têm dois tipos de penas, sobrepostas: primária e *covert*, que, como se deduz, cobre a outra. Então, duas situações existem: o *covert* cobrindo parcialmente a primária, ou a *covert* cobrindo totalmente as penas primárias. O que a sexagem tem a ver com isso? Simples. O genial Parks – bom de genética das aves - conseguiu associar cada uma dessas situações a cada um dos sexos: *covert* menor do que as primárias, determinado sexo; *covert* igual ou superior às primárias, o outro sexo (não me lembro mais de “quem é quem”). É a tal da *sex linkage*.

Frases e citações em que acredito

“A ciência consiste em saber. Em crer que se sabe, consiste a ignorância” Albert Einstein.

“O tempo é uma ilusão produzida pelos nossos estados de consciência, na medida em que caminhamos através da duração eterna” Isaac Newton.

“Não se oferece um Estado a um povo numa bandeja de prata”
Haim Weizmann

“Tenho ouvido dizer que lutamos tanto por uns poucos quilômetros de areia. Mas esta é a nossa terra e dela brotará nosso alimento. Poderá ser árduo o trabalho, mas é a terra que temos. Aqui nascerão os frutos de Israel, dos quais os judeus irão se orgulhar” – David Ben Gurion.

“Não concordo com nenhuma das palavras que dizeis, mas defenderei até a morte, o vosso direito de dizê-las – gravado na estátua de George Washington.

“Só os desocupados nunca têm tempo” – dos positivistas.

“Quando você tiver um trabalho importante e urgente, que precisará ser realizado, encarregue o homem mais ocupado da sua equipe. Ele sempre arranjará tempo para realizá-lo depressa e com boa qualidade” – de um brasileiro que começou a vida sem dinheiro para comprar sapatos e terminou como executivo chefe de um banco internacional.

“O Brasil é habitado por pessoas mais ou menos” – Arthur Mendes de Castro Barbosa.

“Onde reina a organização reina o verdadeiro poder”

“Nada é possível sem os homens. Nada é duradouro sem as instituições”

“As coisas mais importantes são simples, se assim o quisermos”

“Os assuntos de Estado não têm necessidade do aparelho secreto, da agitação de emissários e das intrigas de que os rodeamos, na realidade e ainda mais na lenda”

“Nada daquilo que devemos fazer para atingir o objetivo fixado é secundário. Nada deve ser aproximativo, concluído pelo cansaço ou pelo adiantado da hora” – Jean Monnet, pioneiro da Criação da Comunidade Econômica Europeia e companheiro de Winston Churchill no convencimento do presidente dos Estados Unidos a juntar-se aos Aliados, o que foi fundamental para a derrota do nazismo na Segunda Grande Guerra Mundial.

-18-

**São os seguintes os
destaques da minha vida profissional,
começada em 1958 e continuando até agora
(outubro de 2023)**

1. Médico veterinário (UFRRJ, 1958).
2. Jornalista profissional (1961).
3. Chefe do Setor de Treinamento e Divulgação da CNA-Comissão Nacional de Avicultura (década de 60).
4. Criador e diretor do Centro Agrícola de Menores do Estado da Guanabara – Fazenda Modelo -Fundação Leão XIII – Governo Carlos Lacerda.
5. Curso de “Poultry Production & Marketing” na Universidade do Texas (1961).
6. Redator do SIA-Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura.
7. Redator da Rádio Rural, do Ministério da Agricultura.
8. Assessor técnico da SCAL-Rio / Granja Branca-Parks.
9. Diretor técnico das Indústrias Avícolas Paixão S.A.
10. Sócio-fundador e responsável pelo Laboratório de Pesquisa Avícola Ltda.
11. Criador e sócio-fundador do CTA – Centro Técnico Agropecuário (Teresópolis, década de 70).
12. Proprietário da loja-estúdio de produção audiovisual Som & Imagem (Teresópolis, década de 70).
13. Extensionista da ACAR-RJ (atual Emater-Rio) em S.José do Vale do Rio Preto.
14. Assessor do presidente do Laboratório Farmitália (Química e Farmacêutica Proquifar) para lançamento da linha de produtos veterinários.
15. Assessor da diretoria do laboratório Aquapura Ltda. (Criador do produto Broiler Booster).
16. Colaborador do Correio da Manhã.

17. Colunista do Jornal do Brasil (na década de 60, como empregado, durante seis anos e como colaborador, em 2002 e 2003).
18. Colaborador de O Globo.
19. Redator do Jornal da Noite (TV Tupy, década de 60) sob a direção da professora Sandra Cavalcanti.
20. Criador e consultor da revista Agricultura de Hoje – Prêmio Esso.
21. Criador e consultor da revista Manchete Rural.
22. Criador e consultor do programa de TV Manchete Rural.
23. Editor da revista de negócios Tendência (Bloch Editores).
24. Correspondente independente de Bloch Editores, na Europa (1988), durante um ano.
25. Criador e consultor do programa O Melhor Negócio (TV Bandeirantes). Medalha de Bronze no 28 th Annual International Film & TV Festival of New York.
26. Criador e consultor do programa A Conquista da Terra (TV Bandeirantes).
27. Criador e consultor do programa Brasil Exportação (TV Bandeirantes).
28. Único selecionado pela FAO / ONU (Escritório Regional para a América Latina e Caribe) para disputar o Prêmio Boerma – Informação Rural (FAO – Organização das Nações Unidas). (Década de 80). Considerado o melhor trabalho do ano para colaborar no problema da fome mundial.
29. Assessor da diretoria da COCEA – Companhia Central de Abastecimento, do Estado da Guanabara. Setor de produtos avícolas. Governo Carlos Lacerda.
30. Membro do Conselho da FESO-Fundação Educacional Serra dos Órgãos (Faculdade de Medicina - década de 70, Teresópolis).
31. Membro do Grupo de Trabalho da Fusão RJ-GB. Setor Agricultura. Governo Faria Lima.
32. Membro do Conselho Fiscal da Ceasa. Governo Faria Lima.
33. Assessor do Secretário de Agricultura do RJ. Governo Faria Lima.
34. Secretário particular do ministro da saúde. Governo Costa e Silva., durante os nove meses iniciais.
35. Assessor do Superintendente da SUNAB.
36. Criador e assessor-chefe (durante sete anos) da Assessoria de Comunicação Social da Petrobrás Fertilizantes S.A., subsidiária da Petrobrás e “holding” de oito companhias.
37. Criação, organização e direção de diversos seminários, notadamente através de Bloch Educação.

38. Visitas como convidado oficial, a: Estados Unidos; Israel; Alemanha e Chile.
39. Convidado para dirigir o Centro de Produções Audiovisuais do Escritório Regional da FAO para a América Latina e o Caribe (Santiago, Chile). Convite não aceito.
40. Introdutor da Hubbard Poultry Farms - USA (uma das maiores empresas de genética avícola do mundo) no Brasil.
41. Assessor do projeto de introdução da Big Dutchman (a maior fabricante de equipamento avícola do mundo) no Brasil, através da USIMECA – Usinas Mecânicas Cariocas S.A.
42. Autor dos livros: “Produção Industrial do Frango de Corte” (Editora Brasileira de Agricultura, 1971); “Agricultura, Uma Opção de Investimento”(Bloch Editores, 1985); “Conheça as Profissões Agrícolas de Nível Médio”(Petrobrás, 1983); “Agricultura de Israel – Soluções que o Brasil Pode Aproveitar” (J.R. Editora Técnica Ltda, 1985); “Como Investir em Portugal da CEE” (Consultoria Internacional de Investimentos, Lisboa, Portugal, 1988; “Agricultura Brasileira, Uma Opção de Investimento / Agriculture in Brazil, an Option for Investing” (Agrosuisse, 1993); História da Medicina Veterinária (Academia Brasileira de Medicina Veterinária, 2009).História da Veterinária do Exército Brasileiro (2017).
43. Visitas de negócios a diversos países da Europa, Estados Unidos e Argentina.
44. Criador e redator da Rede Estadual de Informação Rural (40 emissoras de rádios municipais do RJ).
45. Redator e narrador de 500 participações na Rádio CBN, sobre agropecuária, na década de 90.
46. Redator do conteúdo do portal animal.com
47. Consultor de Comunicação Social da SwissConsult e da Agrosuisse (1985 – janeiro de 2008).
48. Criador, jornalista responsável e editor do Jornal do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro (de 1995 até outubro de 2010).
49. Criador e produtor independente de: (a) projetos de comunicação social; (b) vídeos e programas de TV; (c) editoriais e discursos para terceiros; (d) spots, jingles e programas de rádio; (e) livros, jornais, revistas e folhetos de agropecuária, educação e de propaganda.
50. Membro titular da Academia Brasileira de Medicina Veterinária (ABRAMVET).
51. Criador e editor da revista bimestral HotPets, durante suas primeiras 06 edições (entre janeiro de 2010 e abril de 2011).

52. Criador e editor da revista *Animal Business-Brasil*, (setembro de 2011 até a data), da SNA-Sociedade Nacional de Agricultura, fundada em 1897. Transformada no site animalbusiness.com.br
53. Grau de Comendador outorgado pela Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária (2023).
54. Membro da Diretoria Técnica da SNA-Sociedade Nacional de Agricultura (fundada em 1897).

-19-

**Um resumo das declarações
dos amigos nas diversas épocas da minha
vida profissional
(ordem aleatória)**

“O médico veterinário Luiz Octavio Pires Leal sempre comportou-se como um profissional eficiente e responsável, fiel cumpridor dos seus deveres”.

Jadyr Vogel – fundador e ex-Presidente da Academia Brasileira de Medicina Veterinária.

“O Dr. Luiz Octavio Pires Leal sempre demonstrou um grande espírito de solidariedade e aptidão jornalística, cômico das suas responsabilidades e sério nas edições jornalísticas, merecedor de respeito e credibilidade.”

Lucio Tavares de Macedo – Ex-Presidente da Sociedade de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro.

“A conduta ética do Dr. Luiz Octavio o qualifica como um profissional com virtudes e valores morais destacados na realidade da Medicina Veterinária Brasileira”.

Carlos Henrique Coelho de Campos – Maj. Diretor do HVet/AMAN.

“O Dr. Luiz Octavio Pires Leal possui moral ilibada, e elevado conhecimento na área de Medicina Veterinária, bem como é jornalista brilhante, tendo participado no mundo da imprensa de revistas de renome nacional, com livros publicados sobre o assunto”.

Zander Barreto Miranda – vice-presidente do Colégio Brasileiro de Médicos Veterinários Higienistas de Alimentos.

“Declaro conhecer desde os tempos da faculdade, no Km 47, o colega e amigo Luiz Octavio Pires Leal, que respeito como profissional e jornalista responsável pelo CRMV-RJ JORNAL, que há quase 15 anos leio com muito interesse”.

Herman Schatzmayr – Pesquisado titular- Laboratório Flavivírus, do Instituto Oswaldo Cruz, (do qual foi presidente).

“Declaro que conheço o Dr. Luiz Octavio Pires Leal, podendo atestar ser pessoa idônea e cumpridora dos seus deveres, além de profissional talentoso e dedicado, com quem tive o privilégio de trabalhar como seu subordinado. O referido profissional possui enorme capacidade de trabalho e um dinamismo sem igual.”

Marcelo Machado da Costa – Juiz de Direito.

“Declaro que conheço o médico veterinário e jornalista Luiz Octavio Pires Leal há mais de 40 anos. Todos esses anos foram de aprendizado. Aprendemos a respeitá-lo como médico veterinário e jornalista. Sua vida profissional tem sido um exemplo de competência, profissionalismo e, acima de tudo, ética inquestionável.”

Alfredo Navarro de Andrade – Msc. PhD – Purdue University
– Diretor do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal.

“Conheço o Dr. Luiz Octavio Pires Leal há mais de 30 anos, com ele convivendo profissional e socialmente. Testemunhei sua excelência profissional, sua dedicação, criatividade e seu entusiasmo contagiante ao exercer cargos públicos e na iniciativa privada.”

Carlos Alberto Alves do Carmo – publicitário, presidente da Linthas Propaganda.

“Conheço o Dr. Luiz Octavio Pires Leal, de longa data. Possuidor de uma grande inteligência, capacidade de observação e competência”.

Leda Maria Kimura – MSc, DSc, virologista do Laboratório de Pesquisa Animal da PESAGRO-Rio.

“Considero o Dr. Luiz Octavio um excelente profissional, culto e comprometido com a veracidade dos fatos que divulga.”

Márcio Ricardo Costa dos Santos – Professor, Doutor, especialista em reprodução assistida.”

“Quando ele dirigia a Comunicação Social da Petrofértil, eu, como Graphic Designer, tive o imenso prazer e mesmo o orgulho de trabalhar sob sua direção.”

Marcus Cremonese – Medical Arts, Austrália.

“Seu trabalho é da maior relevância, sendo o Dr.Pires Leal reconhecido nacionalmente como um dos pioneiros na formação organizacional da avicultura, no Brasil, que resultou na posição do País como líder mundial da exportação de aves.”

João Marcos Cabral de Menezes – fundador da Acuapura, fabricante de produtos para a desinfecção da água.

“Conheço o médico veterinário e jornalista Luiz Octavio Pires Leal, com quem venho mantendo contato permanente desde quando ele reformulou o nosso CRMV-RJ JORNAL, tendo então assumido a posição de Jornalista Responsável, função que vem desempenhando com eficiência e dedicação. Trata-se de um profissional que, durante todos esses anos, vem demonstrando ter atitudes de elevada moral e ética exemplar.”

Eduardo Batista Borges – presidente do CRMV-RJ = Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro.

“Como Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, e Advogado Agrarista, dou meu testemunho de que Luiz Octavio Pires Leal, pela inteligência e vivacidade de seu espírito, sempre foi dos melhores profissionais que conheço, não apenas como Assessor de Imprensa, mas também como crítico e expositor no campo do agronegócio, tendo em vista a honesta e eficaz colaboração que vem prestando à Agrosuisse.”

Octavio Mello Alvarenga – presidente da SNA-Sociedade Nacional de Agricultura.

“A sua dedicação à luta e defesa do agronegócio evidenciam a sua elevada competência e boa vontade que se corporificam no conjunto da exemplar vida profissional.”

Walmick Mendes Bezerra – presidente da ACAR- RJ, e da futura Emater-RJ.

“Considero o Luiz Octavio um profissional de alta categoria e responsabilidade no seu campo de atuação – Comunicação Social e Marketing especializados no agronegócio – inclusive com experiência internacional – e atesto suas qualidades morais e éticas.”

Carlos Egon Prates – Diretor de Artes Gráficas.

“Acompanho em especial, há duas décadas, seu trabalho como assessor do grupo Agrosuisse / SwissConsult, ao qual vem dedicando muito do seu tempo e experiência na divulgação dessas duas marcas, assim como na atração de profissionais para compor seu quadro de consultores.”

João Carlos de Oliveira Durão – Engenheiro Agrônomo.

“O Dr. Luiz Octavio Pires Leal, médico veterinário, é um profissional de capacidade comprovada, haja vista os cargos de que foi detentor, sempre com indiscutível competência. Dentre as inúmeras atividades exercidas, destaca-se a Comunicação Social especializada em medicina veterinária e agropecuária.

Pessoa idônea, de conduta ilibada, em muito engrandecerá a diretoria do Conselho de Veterinária do Rio de Janeiro.

Arnaldo Niskier – da Academia Brasileira de Letras.

“Declaro conhecer, desde 1960, o médico veterinário e jornalista Luiz Octavio Pires Leal, cuja competência como profissional de comunicação social, nos campos da medicina veterinária e da informação rural atesto em função da minha experiência pessoal ao

tempo em que era Assessor Regional de Informação da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) para a América Latina.”

Claudio R.P. Fornari – Assessor Regional de Informação da FAO para a América Latina.

“Dr. Pires Leal is a highly intelligent, perceptive and experienced man. I have known him since 1953. After graduating, he became interested in aviculture.

I am proud to unconditionally recommend my dear friend and colleague Dr. Luiz Octavio Pires Leal, as a highly competent and knowledgeable veterinarian and journalist.”

Luiz Horta Barbosa – virologista do NIH – National Institutes of Health (USA) – o maior centro de pesquisa médica do mundo, com 18.000 cientistas.

“Declaro que o Dr. Luiz Octavio Pires Leal, médico veterinário e jornalista é possuidor de capacidade altamente comprovada, uma vez que ao longo da sua vida profissional desempenhou vários cargos nos quais sempre demonstrou indiscutível competência.”

Antenor Andrade – Diretor do Centro de Criação de Animais de Laboratório da Fundação Oswaldo Cruz.

“Como produtor rural, sócio fundador da ABIR- (Associação Brasileira de Informação Rural), autor de oito livros sobre agropecuária, posso atestar que o Dr. Luiz Octavio Pires Leal, médico veterinário e jornalista profissional, tem prestado ao campo brasileiro os maiores e os mais relevantes serviços na área da Informação Rural, quer como autor de livros, quer como jornalista especializado.”

Eduardo Almeida Reis – da Academia Mineira de Letras.

“Estimado Luiz Octavio, seu generoso fax é o produto de um cérebro realmente superior: texto de um amigo fraternal e bondoso, que, nas preocupações e angústias do seu dia-a-dia, ainda

encontra tempo para cumprimentar dois companheiros de tantas lutas.

Eu e Arnaldo, abaixo assinados, fazemos questão de enviar-lhe os nossos mais sinceros agradecimentos, do fundo dos nossos corações, pela sua mensagem de tanta grandeza. Ela nos estimula a prosseguir na mesma trilha de correção, trabalho e dignidade que há muitos anos nos traçamos e que agora encontra em suas palavras a certeza de quanto temos estado certos.

Sentimos muitas saudades dos anos que ficaram para trás, mas possuímos também a consciência de que elas não transitaram em vão, porque serviram, antes de mais nada, para plantar e construir amizades como a sua, espontânea, afetuosa e terna. Elas constituem um patrimônio inestimável, que carregaremos conosco com muito orgulho, pelo resto de nossas vidas. Que Deus o abençoe e o mantenha sempre assim, atencioso e gentil como tem sido até hoje, são os votos destes dois irmãos, hoje já um pouco “imortais”, mas não imorríveis, que lhe querem um bem enorme,”

Arnaldo Niskier e Murilo Melo Filho – titulares da Academia Brasileira de Letras e diretores do Grupo Bloch (Manchete).

“We sincerely believe that the team of journalists of que ‘Sistema Manchete de Informação Rural’, under the coordination of Mr. Luiz Octavio Pires Leal, makes an outstanding contribution to Rural Development in Brazil and we therefore hope you will give this nomination all de necessary support when submitting it to FAO HQ’s.

W.R.Moreno – Chefe do Escritório Regional da FAO para a América Latina e o Caribe, para a sede mundial da FAO, em Roma, recomendando o meu trabalho para receber o Prêmio Boerma, que perdi para a BBC, de Londres.

“Estou muito consciente de que o meu Governo ficará devendo à magnífica equipe que, sem qualquer vantagem, com desprendimento, veio prestar sua contribuição à organização do novo Estado. Graças à competência e à dedicação de cada um, em particular, foi possível realizar a tarefa necessária para a jornada que terá início dentro de dias.”

“Abraça-o o seu amigo Floriano Faria Lima.”

Faria Lima – primeiro governador da fusão dos estados da Guanabara / Rio de Janeiro.

Advertência

O leitor que teve a paciência de ler essas declarações, percebeu que elas não caíram do céu, e encerram algum grau de suspeição visto que são todas de amigos.

Sua origem foram minhas solicitações no tempo em que eu, muito mais jovem (ou menos velho), ainda necessitava delas para participar de licitações.

Informo, também, que com a exceção da dupla Arnaldo/Murilo, de todas as outras declarações apresentei apenas alguns trechos, com o objetivo de não abusar da paciência do leitor.

Não assinalei a diferença entre os mortos – que são a maioria - e os vivos. É que essas declarações – das quais muito me orgulho – são do tempo em que eram importantes na consolidação da minha carreira. E continuam sendo.

Meus sete anos de Petrofértil começaram mal

Comecei chegando atrasado logo no primeiro dia! Justo eu que interpreto a pontualidade como uma verdadeira religião! Mas teve um motivo: o exame médico obrigatório para a admissão atrasou. De qualquer maneira, foi desagradável e rendeu uma observação do Gerente Administrativo, me dizendo que pontualidade na Petrofértil “é levada a sério”.

Mostraram a sala que eu deveria ocupar com uma jornalista muito preocupada com um problema de bom tamanho: tinha a ver com a chegada no porto, do reator de amônia.

De tão grande e tão pesado, o “charutão” de aço inox, um caríssimo trambolho, precisou vir da Alemanha num navio especial que se autocarrega e descarrega. Na linguagem de Shakespeare, *roll-in-roll-out*.

Agora, imagine a carreta mandada construir pela Petrofértil para transportar esse tal reator. Salvo engano, tinha 100 rodas.

Parecia tudo estar funcionando normalmente. Agora que o navio especial conseguiu botar o equipamento na carreta, é só pegar a estrada, até o destino final, numa cidade de Paraná onde a nova unidade de ureia estava sendo montada. Mas, e o problema? O problema é que aquela carga pesadíssima – soma do reator com a carreta – precisaria passar por um longo viaduto e embora as especificações fossem compatíveis com a carga, nenhum responsável concordou em assinar um documento de liberação da sua passagem.

Será que o fiscal da obra, “compadre” do construtor, não teria concordado numa economiazinha de ferro, outra de cimento e uma simplificaçõzinha no projeto estrutural?

Afinal, Brasil é Brasil desde 1500.

E eu com isso? A encrenca vazou, como costuma acontecer numa imprensa livre povoada de coleguinhas investigativos sedentos de

um escandalozinho. E esse era um prato cheio. E eu colega deles, mas empregado de uma empresa grande e séria, tive que explicar que estava havendo um mal entendido. Que não havia problema algum com o viaduto e sim com o cálculo do peso do conjunto carreta/reator, que havia sido subestimado, contando apenas o peso do reator, sem somar o peso da carreta. Foi o que se pode arrumar, no momento. E a solução foi construir uma estrada por onde o conjunto acabou passando, evitando o viaduto.

O reator foi montado, a fábrica, que custou uma fortuna, inaugurada em grande estilo, e tudo começou a funcionar normalmente. Ninguém mais se lembrou da história do viaduto suspeito.

O leitor do ramo sabe que as plantas precisam dos chamados macro elementos, em maior quantidade, além dos micro elementos, em quantidades muito menores

Os macro são o grupo NPK =Nitrogênio, Fósforo (de Phosforus) e Potássio (de Kalium). A uréia (diamida carbônica) é muito rica em nitrogênio.

O que o atento leitor provavelmente não sabe é que a Petrobrás Fertilizantes S.A. que comandava oito empresas, embora produzisse esses três macro elementos, não era produtora de fertilizantes e sim de matérias primas que fornecia para as fábricas de fertilizantes.

As fábricas de fertilizantes, por sua vez, não fabricavam e sim misturavam as matérias primas básicas, importando algumas, notadamente os microelementos.

Explicar que a rica estatal não competia, covardemente, com a iniciativa privada dava um grande trabalho.

Vale aqui um parêntese tragicômico. É do conhecimento geral, ou quase, que as leguminosas, como os feijões, dentre eles a soja, através das bactérias nitrificadoras, que habitam nódulos das suas raízes, retiram nitrogênio do ar, e se não são totalmente independentes em relação a essa substância são quase. Mas as gramíneas, dentre elas o trigo, a cana de açúcar e o milho, não nodulam, não têm bactérias nitrificadoras nas raízes, e para uma boa produtividade, necessitam receber adubo nitrogenado, o que custa caro.

Mas uma cientista genial, chamada Johana Döberainner, pesquisadora, da EMBRAPA, numa divisão localizada na Universidade Rural (km47), conseguiu criar e desenvolver um processo capaz de fazer com que as gramíneas nodulem, com as tais bactérias nitrificadoras e, imitando as leguminosas, também consigam retirar nitrogênio do ar.

É fácil imaginar a dimensão econômica desse processo e a sua implicação, inclusive, na luta contra a fome mundial.

Conhecedor do trabalho da Johana, propus ao meu chefe, o CEO da Petrofertil, à essa altura de quem eu era assessor, uma palestra dela com a presença dos presidentes das oito empresas do Grupo (controladas + coligadas). E assim foi feito. Minha tese é que daquela data em diante não haveria justificativa para mais uma fábrica de uréia que poderia ser substituída pela produção das bactérias, a um custo muito menor. A minha esperança é que a Johana confirmasse isso na reunião, ela que recebeu uma distinção do Vaticano como “Benfeitora da Humanidade”.

Ela chegou na hora marcada com sua saia comprida, habitual, com jeito de camponesa. Eu na torcida para que ela na presença dos diretores que vieram de longe para ouvi-la, confirmasse a minha ideia.

Não deu outra: com uma fala fácil, dados numéricos e vários slides, ela defendeu sua tese – como eu esperava – e perguntou se alguém queria falar. E um técnico que assessorava o presidente de uma das empresas, pediu licença para demonstrar uma experiência que havia feito. Luzes apagadas, projeção de ótimos slides, silêncio total, eu suando frio prevendo como essa história iria terminar. E terminou mal. Muito mal. Com uma frase de quem tem na ciência seu interesse fundamental e não está minimamente preocupada com sutilezas, a Johana, sentenciou: “De tal forma sua experiência carece de fundamento científico, que não deveria jamais ter sido tentada.” Luzes acesas, água, cafezinho, sorrisos amarelos, ar de cortar com faca.

De tão constrangido e pena do rapaz, nem pude curtir a confirmação da minha tese.

Toca o telefone interno: “O Dr. Porthos está pedindo para o senhor subir.”

Boa coisa não pode ser. Dr. Porthos Augusto de Lima (lamentavelmente já falecido) era o CEO da Petrofértil. Seco, sério, econômico em palavras, decidido, não gostava de repetir suas falas, que, não eram propriamente falas e sim ordens. Educadas, mas ordens. Tínhamos a mesma idade.

A secretária abriu a porta. Entrei, fiquei de pé. Sem parar de escrever, falou: “Senta”, sem nenhuma introdução: “Me disseram que o senhor, ontem meteu o pau na nossa diretoria, numa palestra no auditório da Petrobrás.”

Lembrei-me do meu pai que dizia que herói é quem não tem oportunidade de fugir.

Olhei nos olhos do chefe, e falei: “Chame o me disseram, mande ele sentar aqui do meu lado e repetir.” Sua resposta, com um leve sorriso: “Fica definitivamente arquivado no arquivo da fofoca”.

Realmente, na véspera, todos os chefes de Comunicação Social das subsidiárias de primeira linha da Petrobrás apresentaram seu plano para o ano seguinte, inclusive eu, elaborado com a minha valorosa equipe. E ele agradou. Falando sobre a dificuldade da sua implantação pelo fato da maioria dos diretores ser de engenheiros, e como é próprio dessa profissão matemática, com dificuldade de abstração, foi o suficiente para o fofoqueiro exercer o seu hábito doentio. Profissionalmente, eu estava progredindo mais do que ele gostaria.

Durante a quase totalidade dos sete ótimos anos em que servi à Petrofértil, me dei muito bem com o respeitado, e, por alguns, temido Dr. Porhos.

Guardo com orgulho, quase como um certificado, o telegrama que ele me enviou quando o convidei para a solenidade da minha posse na Academia Brasileira de Medicina Veterinária, pouco tempo antes dele falecer.

“Prezado Luiz Octavio

Eu me havia programado para estar presente e dar-lhe um abraço pelo reconhecimento merecido do seu trabalho e valor. Infelizmente, um mal estar de último momento me reteve em casa

Quero expressar o quanto lhe admiro e lhe sou grato pela eficiente e leal colaboração de quando nossos caminhos se cruzaram na Petrofértil.

Gostaria de saber notícias do colega, mesmo que por telefone (o meu é (0000.1111)).

Um grande abraço e parabéns

Porthos Lima”.

Outro problema do qual, por pura sorte, consegui resolver foi a solicitação do Diretor Comercial.

“Luiz Octavio, tomei conhecimento de que o deputado americano, Fulano, irá apresentar uma emenda que, se aprovada, poderá prejudicar muito as nossas exportações.”

Cabe aqui uma explicação. O fato do Brasil e os Estados Unidos estarem localizados em hemisférios opostos, traz como consequência o fato de quando o consumo de matérias primas para fertilizantes está no auge da estação num país, está no ponto mais baixo no outro. Então, quando sobra aqui, a solução mais econômica não é reduzir a produção e sim estimular a exportação.

Por pura sorte, repito, conheci o chefe da USIS – United States Information Service, do Consulado, no Rio, quando o recebi na Manchete, e tive a oportunidade de prestar-lhe um favor, pelo qual ele ficou muito agradecido.

Agora chegou a minha vez, pensei. Marquei com ele um encontro no Consulado e exagerando a minha preocupação, afirmei que o meu emprego dependia dele. E expus a missão recebida do Diretor Comercial. Em menos de uma semana, ele conseguiu uma cópia do documento, que, até hoje, não sei se foi aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos, e, caso tenha sido, se teve alguma influência nas nossas exportações. O que sei é que “marquei um gol e tanto.”

Mas, se estava dando tão certo, com satisfação profissional, uma boa equipe e um ótimo salário, porque decidi me demitir da Petrofértil?

Por duas razões: porque vigorava a notícia de que a Empresa iria acabar, como, realmente, acabou, e também porque recebi convite do Chefe do Escritório Regional da FAO para a América Latina e o

Caribe, em Santiago, Chile, para dirigir o recentemente criado Centro de Produções Audiovisuais.

Contrato de dois anos, renovável. Salário em dólar. Direito a importar automóvel de qualquer tipo ou valor, sem pagar imposto, e dois anos depois, com direito a vendê-lo, o que representava um outro salário. Vantagem de importar -via PX (?)- uma série de produtos, também isentos de impostos.

As desvantagens: para enfrentar as restrições, e a fantástica burocracia impostas pelos mais de 100 países componentes da FAO (ONU), um vídeo que eu estava acostumado a produzir em uma semana, lá demoraria alguns meses. Outra é que teria que deixar mulher e dois filhos pequenos, sós, numa terra estranha, durante as viagens que teria que fazer por toda a América Latina e o Caribe. Viagens - diga-se de passagem – necessárias e desnecessárias, para curtir hotéis de quatro e cinco estrelas, e ganhar um bom dinheiro extra. E a última, e não menos importante, são os “temblores de tierra”, os terremotos, frequentes naquele lindo e civilizado país.

E de terremoto tivemos uma amostra de um minuto, um longo minuto, à meia noite, quando dormíamos no hotel. E não mereceu a categoria de terremoto. Foi a “réplica” de um terremoto de verdade, que havia ocorrido dias antes da nossa chegada. A tal “réplica” – quando tudo treme, já é suficiente para provocar um grande medo, mesmo porque sabe-se quando começa, mas não se sabe se vai ou não vai aumentar de intensidade nem quando vai terminar.

Por tudo isso, declinei do convite e fiquei sem a FAO, sem a Petrofértil, sem a complementação do salário, pela Petrus, e com a miserável aposentadoria do INSS. Mas continuei no Grupo Bloch (Manchete).

Transcrevo o texto de um colega daquela época.

“A Bloch Editora acabara de criar a revista Manchete Rural, isso lá no início de 1987. A editoria era do Paulo Roque e a direção editorial do Luiz Octavio. Eu jovem, recém formado, fiz parte da primeira equipe de repórteres da revista

Luiz Octavio aparentava austeridade. Cabelos bem penteados, óculos grossos e andar firme. Dividíamos a mesma redação. Ele

postado em sua mesa, de frente para as mesas dos repórteres, como numa sala de aula.

No início, a presença dele me causava certa intimidação. Eu, um foca jovem, inseguro, e ele jornalista tarimbado, com anos de experiência, sempre com alguma observação inteligente a fazer – e isso, naturalmente, intimidava os jovens como eu.

Certa vez ele perguntou de quem era a autoria de uma chamada de capa de uma reportagem sobre morcegos. A pergunta veio sóbria, sem pistas se tinha ou não agradado. Respondi que tinha sido eu e então recebi um baita elogio. Momento seguinte ele perguntou sobre outra chamada, que também tinha sido de minha autoria. Dessa vez veio a sentença curta e avassaladora: “muito ruim.”

Na redação, LO era assim: sincero, objetivo e obcecado por qualidade. Mas a característica que mais me impressionava era o dinamismo. O homem não parava de criar, de propor matérias, colunas, boxes. Era uma máquina de novas ideias.

Trabalhamos juntos quase cinco anos, parte na Manchete Rural e parte na revista de economia da Casa, chamada Tendência, que a convite dele fui editar. Voltei para o Direito, fiz concurso e me tornei magistrado. Ele continuou no jornalismo, criando e inventando veículos.

Hoje, com LO perto dos 90 anos, continuamos a manter certo contato pelo WhatsApp. Não o vejo pessoalmente há algum tempo, mas suas observações inteligentes e objetivas em nada mudaram.

Aliás, posso afirmar que ele continua igual: elétrico, criativo, avesso à pasmaceira.

Como diz um amigo comum, esse é o LO.”

Marcelo Machado da Costa – Juiz de Direito.

Mas em relação à citada Manchete Rural, acredite quem quiser, ela foi criada não por mim, nem pelo Adolpho Bloch. Ela foi criada pelo Roberto Marinho, esse do Grupo Globo.

Eu havia criado e dirigia a revista Agricultura de Hoje (Prêmio Esso) por encomenda dos diretores Arnaldo Niskier e Murilo Melo Filho.

Depois de certo tempo, defendi que ela deveria ser transformada na Manchete Rural, para gozar do prestígio desse nome, naquela

época, mas, embora tenha argumentado fortemente, o Sr. Adolpho não topou: “Octavio, agricultor é gente pobre, não sabe ler, não bota anúncio”.

Insisti que agricultor comprava trator, automóvel, relógio, roupa, viajava, e mulher de agricultor comprava joias, perfumes, produtos de maquilagem, frequentava salão de beleza... Mas não adiantou.

Meses depois, estava jantando com minha mulher, numa churrascaria de Copacabana, na época em que ainda não havia telefone celular, e antes de começar a comer, telefonei para minha mãe para dizer que não se preocupasse em nos esperar porque estávamos jantando fora. E ouvi dela o seguinte: “Que bom que você telefonou, meu filho. O Seu Adolpho acabou de telefonar se queixando de você, dizendo que está velho e que você desapareceu.” Expliquei a ela que esse era o estilo dele, muito usado quando falava com os banqueiros. “Em seguida ligou o Professor (é como ela se referia ao Niskier), pedindo para você ir amanhã à Manchete.” Fui e ouvi do Seu Adolpho o seguinte: “Quero que você venha criar e dirigir a Manchete Rural. Vou lhe dar uma sala, uma secretaria e um telefone privativo.”

Demorei um tempo para entender a sua mudança e porque o Roberto Marinho conseguiu o que o Arnaldo e eu não conseguimos. E com um atraso desnecessário, criamos a concorrente Manchete Rural, que dirigi durante uns bons anos, além de criar o programa de TV do mesmo nome.

A explicação: numa das suas incertas à Gráfica, seu Adolpho, viu lá no fundo uma quantidade enorme de revistas. Chegando perto leu o título Globo Rural, naquele tempo impresso na sua gráfica.

Seu Adolpho era um ser humano muito especial. Gostava dele.

-21-

CAMEG

Centro Agrícola de Menores

do Estado da Guanabara

uma paixão

uma grande frustração

Eram os primeiros dias do Estado da Guanabara, com o seu primeiro governador, Carlos Lacerda, amigo da minha prima, Sandra Cavalcanti.

Ela me convocou à sua casa, na rua Peri, no Jardim Botânico, para propor um desafio: criar na parte abandonada da Fazenda Modelo, um projeto que veio a se chamar Centro Agrícola de Menores, que ficaria subordinado ao médico, calmo firme e grande administrador Joel Marques Braga, presidente da Fundação Leão XIII.

Mas, o que era a “parte abandonada da Fazenda Modelo?”. Era uma área de bom tamanho, num dos extremos, com alguns prédios abandonados, sem luz nem água.

Mas não se pode culpar os profissionais que, precisando concentrar os poucos recursos de que dispunham, optaram pela parte mais bonita, onde ficava a bem conservada casa-sede.

Primeira providência: pedi para cortar uns pés de eucalipto, ainda verdes, para os necessários postes, e contratei um electricista para o indispensável “gato”, e... pronto, fez-se a luz!

Agora falta a água, e isso é assunto para uma dupla de bombeiros, de preferência lacerdistas. Procura de cá, procura de lá, achamos!

Por sorte a adutora passava bem em frente à Fazenda.

Telefonei para o administrador regional, que reconheceu meu sobrenome. E sabendo que eu era primo da Sandra, Secretária de

Serviços Sociais, chefe do presidente da Fundação Leão XIII, à qual o CAMEG estava subordinado, não complicou e mandou fechar a adutora durante o tempo necessário para que os bombeiros fizessem a ligação do tubo que iria fornecer a água indispensável para o funcionamento do Cameg.

É claro que o conhecimento do administrador regional de que eu era primo da Sandra, filho do Secretário de Administração e amigo do Governador, ajudou. “Costas quentes” servem para essas ocasiões.

A providência seguinte foi reformar os prédios abandonados: para o alojamento dos futuros menores desvalidos: sala de aula e refeitório. E assim foi feito.

As assistentes sociais da Fundação Leão XIII, selecionavam os menores “abandonados”, “desvalidos” que deveríamos receber. Eram filhos de mães solteiras muito pobres e sem vocação para a maternidade, meninos passando fome, filhos de alcoólatras. Todos do sexo masculino porque não tínhamos instalações para receber meninas.

Convoquei o Carlos Baldarelli, um amigo-irmão, médico psiquiatra, para cuidar dos problemas psicológicos dos meninos. E combinamos uma filosofia de trabalho, que, em resumo, era a seguinte: (1) não haveria uma disciplina do tipo militar, com filas para cada situação, e coisas do gênero; (2) além das aulas normais, os alunos receberiam treinamento – remunerado – em uma das várias atividades da fazenda, como: marcenaria; fábrica de tela; fábrica de Farinha Eubra (para distribuição gratuita a mulheres grávidas e amamentando, das comunidades pobres); horticultura; suinocultura; avicultura; cultura de milho, e mais algumas outras.

A mensagem que queríamos passar para os meninos é que a grande esperteza era se educar; aprender, trabalhar, ganhar dinheiro, e conquistar uma profissão.

Essas diversas atividades funcionavam, normalmente, independentemente da colaboração dos meninos, que eram estimulados a escolher uma delas para trabalhar - fora do horário escolar - como ajudantes dos profissionais. E eram pagos por isso.

Mas não recebiam dinheiro e sim crédito, e um talão de cheques – que conseguimos de graça numa gráfica – e um “banco”, que

instalamos num dos cômodos da sede, agora que ocupávamos a fazenda inteira.

A história da expansão do Cameg para a área de toda a fazenda, é a seguinte.

As sete horas da manhã. recebo um telefonema do ajudante de ordens, Major Osório, dizendo que o Governador Lacerda, pediu para eu encontrar com ele, no seu apartamento, no Flamengo, para irmos, juntos, visitar o Cameg.

Era um dia lindo de primavera. Paramos o carro do lado de fora do portão de entrada. Chamava a atenção uma plantação de alface, ainda jovem, que, com a incidência do sol, brilhava, como se fosse fosforescente. Um show, logo na entrada.

O Governador ficou encantado com o que viu nessa visita de surpresa e me disse que deveríamos estender esse trabalho à totalidade da fazenda. Ponderei que os agrônomos, os veterinários e os técnicos da Secretaria de Agricultura, “donos” do outro lado, iriam conseguir o apoio do Secretário (um vendedor rico, de peças para automóvel) e não iriam deixar. Foi quando o Lacerda me lembrou que ele era o Governador.

Depois de alguma luta e a necessária burocracia, estendemos o Cameg para toda a fazenda, o que ampliou muito os nossos recursos de educação, e treinamento dos alunos.

Os alunos deviam escolher em qual setor desejavam trabalhar, como auxiliares dos profissionais, para ganhar dinheiro de acordo com as horas trabalhadas. E que esse dinheiro não era pago em espécie e sim depositado na conta de cada um, no “banco”, como acontece na vida real.

O que eles faziam com esse talão de cheques? Compravam, o que bem queriam – e podiam – na lojinha que instalamos num dos prédios abandonados e reformados. Quem trabalhava mais, ganhava mais e podia comprar mais. Era a “esperteza” do trabalho, exatamente como na vida real.

Mas nem tudo era escola e trabalho. Promovíamos festas e comemorações.

O ponto alto era o dia de Natal. No primeiro, consegui emprestado um helicóptero da FAB, através da viúva do Major Vaz, aquele que

morreu defendendo o Lacerda dos bandidos do Getúlio, perto da residência dele, na rua Tonelero, em Copacabana.

Conseguimos com a Dona Mary, diretora, e sócia fundadora da famosa Casa Sloper, todos os apetrechos, como árvore, roupa de Papai Noel, etc... e um primo, devidamente caracterizado, desceu no Cameg, cheio de presentes. Foi uma grande sensação.

Mas, como Brasil é Brasil desde 1500, a alegria durou pouco.

A Sandra deixou a Secretaria de Serviços Sociais para assumir a presidência do recentemente criado Banco Nacional da Habitação. Para o seu lugar, o Lacerda, nomeou o “tocador de obras”, um engenheiro que tinha dois apelidos: bizão e boi brabo e cujo divertimento era, aos domingos, atirar com fuzil, do seu apartamento de frente para o mar do Arpoador (zona Sul, do Rio), na água, para espantar os surfistas.

Um belo dia, numa visita de rotina – que muitas vezes fazia durante a noite e até dormia lá – fui comunicado que naquele mês não haveria dinheiro para depositar na conta dos meninos. Como assim? A resposta veio apavorante, impensável, inadmissível, revoltante: o Secretário (o boi brabo) precisou do dinheiro para comprar máquinas de escrever para o seu gabinete.

Fulo da vida, com as botas cheias de lama, pulei no jipe e fui ao Palácio, reclamar com o Governador. Na ante sala, cheia de gente, fui avisado pelo Cláudio Soares que o fato de eu ser seu amigo do Governador e filho do Secretário de Administração, não me credenciava para passar na frente das pessoas. Mas, sendo, como sou, um sujeito de sorte, o Lacerda abriu a porta para levar o Cônsul do Uruguai no elevador, e na volta, ordenou: entra. Senta. Você parece nervoso. O que você veio fazer aqui? Tremendo de raiva contei a história, que ele ouviu com toda atenção. Aí, pegou o telefone e mandou que ligassem para o Secretário de Serviços Sociais (o bizão). Deu-lhe uma bruta esculhambação, afirmando que eu estava ali do lado, indignado, com toda a razão, que ele não tinha a menor sensibilidade e que nunca poderia ter feito aquilo.

Veja o leitor a situação: eu era subordinado do presidente da Fundação Leão XIII, que era subordinado do Secretário de Serviços Sociais (o boi brabo) que estava sendo duramente repreendido pelo Governador ao lado de quem eu estava, o que foi dito por ele.

A conclusão? Foi óbvia: minha situação de diretor do Cameg, ficou insustentável e pedi demissão. Uma grande frustração. Estava dando tudo tão certo.

O Bizão? Continuou como Secretário, atirando para espantar os surfistas do Arpoador, do seu apartamento, de frente para o mar.

O futuro do Cameg? Não teve. Depois de uma grande enchente no Rio, devolveram os meninos para o seu destino miserável, e transformaram os galinheiros (muito bem construídos) em alojamento para abrigar outros desvalidos: os da enchente.

É assim que funciona, assim como sempre funcionou, assim como continua funcionando.

O Brasil é Brasil desde 1500.

O gosto pela publicidade

Nem de longe me considero um publicitário, apenas gosto da criação, da ideia, da redação.

E isso é coisa antiga. O primeiro texto que criei, tinha uns 20 anos ou menos. Ele não foi encomendado por ninguém, e, portanto, nunca foi publicado.

Dizia, assim: “Prefira leite em pó. Nele, quem bota água é você.”

Mais tarde fui criando outros. Nesse fiz a foto, a redação e foi publicado.

A foto é do meu filho, ainda jovem, começando a morder uma batata. O título: “Nem só de petróleo vive o homem” – veiculado pela Petrobrás e assinado pela Petrofértil.

Estava, à noite, com a família, no nosso trailer, às margens da Lagoa de Araruama, quando nasceu a idéia pretensiosa de um anúncio em inglês, publicado a quatro cores, na contracapa da revista internacional **chemicalweek**.

A foto era de uma banana, na horizontal, com um pequeno selo BR.

O título: “Yes, we have bananas”. E o lide (em destaque): “airplanes, coffee, ships, iron, sugar, cacao, computers, shoes, soybeans, home appliances, lobsters, cotton, trucks, alcohol, cars, orange juice...and now also FERTILIZERS to EXPORT.”

Recebemos 40 cartas, de diversos países, pedindo informações

“Fertilizante é Energia” – ilustrado com uma foto vertical de canas de açúcar, veiculado pela Petrobrás e assinado pela Petrofértil, foi um anúncio prevendo o uso do álcool como combustível automotor.

Meu guru da propaganda

David Ogilvy é o seu nome.

Começou a vida como vendedor de fogões, no Reino Unido, fazendeiro nos Estados Unidos, e cozinheiro num hotel cinco estrelas em Paris. Terminou milionário, com agências em mais de 150 países –inclusive no Brasil – morando num palácio na França.

Montou sua agência na “avenida das agências” em Manhattan, Nova Iorque, com 500 dólares emprestados, e nos primeiros dias, fez uma lista dos grandes clientes que desejava conquistar. Conquistou todos.

Propaganda (de produtos e de serviços) e publicidade (de ideias), na prática são a mesma coisa, e parte do nome mais abrangente: Comunicação Social.

Há uma máxima da Comunicação Social que diz: “Não importa o que você diz (ou escreve) e sim o que o outro entende.”

Muito mal entendido, muito prejuízo, muitas relações interpessoais entre pessoas jurídicas, ocorrem em decorrência de “defeitos” de comunicação.

Um belo e caríssimo comercial de TV, incapaz de atingir seu público alvo na proporção planejada, por exemplo, resultará num grande prejuízo.

Noutro capítulo em que citei os textos que criei para alguns anúncios, deixei claro, e reitero, que não me considero um publicitário, mas tão somente um estudioso do assunto.

O termo Comunicação Social nem sempre é bem compreendido.

Na tentativa de esclarecer o assunto, arrisco uma definição comumente aceita: “Comunicação Social é o conjunto de técnicas, recursos e estratégias que tem por objetivo a interação de determinadas fontes organizadas de informação, com a comunidade.”

O termo Comunicação Social – conto no meu livro “História da Veterinária do Exército Brasileiro” – nasceu na Igreja Católica, que criou um símbolo – a cruz – fácil de desenhar, de construir e de lembrar, espalhou igrejas no mundo todo, quase sempre localizadas no centro das cidades, ou no local mais alto, com maior visibilidade, criou um meio de comunicação à prova de enguiços, com duração de séculos, ou de milênios, sem necessidade de nenhuma manutenção especial, usando exclusivamente a força humana: o sino. E, além disso, um sistema de pesquisa altamente eficiente: a confissão.

As igrejas protestantes modernas revolucionaram seu sistema de comunicação social, com destaque para o emprego da TV, e da propaganda ou publicidade.

Mas, e o David Ogilvy? Nasceu na Inglaterra e viveu entre os Estados Unidos, a França e a Suíça.

Foi cozinheiro no Hotel Majestic, em Paris, dirigiu o Instituto Gallup (pesquisa), foi fazendeiro na Pensilvânia, e, entre outras atividades, trabalhou no Serviço Britânico de Informações, durante a Segunda Guerra Mundial.

A já citada agência de publicidade, criada em 1949, com capital de US\$500, emprestados, teve, e ainda tem, o nome de Ogilvy&Matter.

A tal lista de clientes que ele se propôs conquistar, só tinha empresas do primeiro time, como a Rolls Royce.

O meu guru é chamado “O pai da publicidade moderna” e é principalmente nele que busco inspiração.

Concordo com o seu conselho, cuja tradução é a seguinte: “Se você não acredita no que está fazendo, eu lhe peço: procure outra ocupação. Lembre-se do provérbio escocês: “Seja feliz enquanto está vivo porque vai passar muito tempo morto.”

Um anúncio em preto e branco, extremamente simples, mas ao mesmo tempo genial, que ele criou para a Rolls Royce, tem uma foto do carro, e o título: “A 100 quilômetros por hora, o ruído mais alto que se ouve no interior é o do relógio elétrico.” No texto tem a frase do engenheiro chefe: “Precisamos melhorar esse relógio.”

Dicas para escrever com clareza

O objetivo não é o de ser um escritor, mas tão somente o de evitar os chamados “ruídos de comunicação”, que fazem com que o outro não entenda o que você está escrevendo, ou dizendo.

Nada a ver com a comunicação via WhatsApp, um exemplo inevitável de pobreza de linguagem, onde você é Vc., também é Tb, e por aí vai.

E também tem a solução dos que não sabem ou têm preguiça de escrever: são as tais figurinhas, de todos os tipos, para todas as ocasiões: dedo para cima, dedo para baixo, cara aborrecida, cara sorridente.

Mas sempre haverá lugar para os textos bem escritos, que com técnica, são simples, objetivos, claros, atraentes, fáceis de ler e de entender.

São textos de importância, por exemplo, para as relações comerciais, os relatórios, os folhetos, as recomendações, as sugestões, etc.

As dicas

- Na média, o título de um texto é lido cinco vezes mais do que o conteúdo da matéria.
- O título deve conter – de forma muito resumida – toda a informação.
- “Brasil aumenta em 20% sua exportação de frangos para a Europa”
- O leitor que não quiser saber mais, para por aí. Quem estiver interessado em mais, segue o chamado lide (de *lead*, em inglês, aquilo que vai na frente, que lidera).

- “Esse expressivo aumento das exportações irá acrescentar um total de X milhões de dólares no bolso dos produtores, a metade dos quais, avicultores de Santa Catarina.”
- Depois o texto segue, sempre na ordem do mais para o menos importante.
- Mas, antes de escrever, é preciso saber com clareza, aquilo que se quer comunicar. E isso, às vezes só é possível, com alguma segurança, através da pesquisa.
- Outra dica: comece seu texto com uma letra **C**apitular. Isso aumenta o índice de leitura.
- Prefira sempre redigir frases em ordem direta. Ordem indireta é coisa dos filósofos da Grécia Antiga.
- Evite textos longos contínuos. Isso desestimula a leitura. Divida-os em blocos com espaço entre eles. Quando for o caso, quando houver justificativa, preceda-os de um entretítulo curto.
- Nada de tentar demonstrar cultura, usando palavras complicadas. Tente escrever de forma igual ou parecida como você fala.
- Antigamente, hospital era nosocômio; advogado era causídico...
- Aprendi no antigo Manual de Redação do Jornal do Brasil, que não se deve abusar dos adjetivos, pelo risco deles perderem a força.
- Resista à tentação – comum nos funcionários públicos – de usar letras maiúsculas quando elas não têm justificativa sob as regras da ortografia.
- Depois de terminar o seu texto, releia-o, com calma, para “enxugá-lo”, que quer dizer, cortar as palavras desnecessárias.
- Acredito no conselho: “Escrever bem é cortar palavras”.

É tudo isso o que eu tento fazer nos meus artigos, nos textos, em geral.

Se eu estou conseguindo seguir minhas próprias dicas, o leitor dirá. Mas garanto que estou sempre tentando.

Colaboração com a SNA

Já dura mais de meio século a minha colaboração com a SNA- Sociedade Nacional de Agricultura.

Ela começou quando o Octavio Mello Alvarenga era o presidente, que revolucionou a Sociedade, criando a Academia Nacional de Agricultura, uma série de seminários, congressos, publicações, e outras atividades de grande repercussão.

Ele era uma figura especial: culto, poeta, escritor, jornalista, cantor amador, pioneiro do Direito Agrário, com reconhecimento internacional, único latino-americano membro da Academia Francesa de Agricultura. Cheio de charme e... conquistador.

Tenho o privilégio de ser o autor da sua biografia, ainda inédita (outubro de 2023).

Discutir com ele, assim como com o Carlos Lacerda – para quem montei uma granja em seu sítio em Petrópolis – era muito bom.

Na sua mesa na SNA – bebericando um bom tinto francês – bastava provocá-lo para ficar ouvindo e aprendendo.

Fiquei um tempo afastado, quando, com tristeza, tomei conhecimento da sua morte. Eu envelhecendo e os amigos indo embora.

Mas, ao contrário da famosa frase do não menos famoso Oscar Niemeyer: “Velhice é uma merda”, não acho isso, não.

A experiência ajuda em todos os sentidos. O respeito dos mais jovens, faz bem. A preferência e o cuidado que os desconhecidos nos dispensam, na rua e no metrô, e no táxi, ajudam e confortam.

Só a Justiça não funciona. A lei que nos dá preferência super especial na tramitação dos processos– a partir dos 80 anos - “não pegou”.

O leitor deve saber que somos o único país do mundo supostamente civilizado, onde existem leis que “pegam” e leis que “não pegam”.

O Brasil é o Brasil desde 1500.

Voltando à minha tradicional colaboração profissional com a SNA.

Depois de um bom tempo afastado, soube, com tristeza, da morte do Octavio, e por intermédio do Juvenil Siqueira, velho companheiro da Manchete, tomei conhecimento de que o novo presidente era o seu filho Antonio Mello Alvarenga, formado em administração de empresas com experiência no mercado de capitais, e interessado em educação.

Só me lembrava dele, quando jovem e já trabalhando na SNA. Não sabia da sua evolução profissional nem do prestígio que conquistou nas altas esferas do mundo oficial e do particular.

Fui muito bem recebido por ele quando lhe levei a boneca (boneco, em São Paulo) de uma revista.

Boneca em arte final, bem acabada, cheia de fotos, tudo a quatro cores, impressa em papel couchê. E bilíngüe.

Foi criada pelo Marcelo Tadeu Rodrigues, meu genro, prematuramente falecido.

Depois de uns poucos números, decidimos que a versão para o inglês, principalmente dos termos técnicos, estava demorando muito e de qualidade discutível. E daí em diante, a “Animal Business-Brasil, passou a ser impressa só em português.

Durante o tempo em que era impressa, era bimestral, alternando com a prestigiosa “A Lavoura”, sob a direção da jornalista Cristina Baran, e sendo editada há mais de 100 anos, sem nenhuma interrupção.

A partir da 31ª edição, optamos pela suspensão da publicação impressa e passamos a produzi-la sob a forma de site (portal, na Internet).

Essa nova forma já dura mais de 10 anos, me ocupa boa parte do dia, dá muito prazer e vem tendo boa aceitação.

Convido o leitor a navegar por esse site: animalbusiness.com.br, dar a sua opinião e – quem sabe? – colaborar com ele.

A filosofia do site, da qual lutamos para não permitir que ninguém se afaste dela, é a seguinte: “Matérias (conteúdos) de utilidade para alunos, professores, profissionais, e atuais e futuros investidores no agronegócio do setor animal.”

E o velho sonho de um veículo bilíngue, voltou a funcionar, ainda que de forma resumida, através de uma coluna internacional, sob a responsabilidade do atuante vice presidente Hélio Sirimarco, que assumiu esse trabalho com o único interesse de colaborar comigo.

Além do trabalho diário do site, de tempos em tempos, produzimos seminários de um dia, no Auditório da SNA, com a posterior publicação (impressa), com as conclusões e recomendações do evento. O foco, sempre, é a produção de conteúdo de utilidade, objetivos, pragmáticos.

Os seminários

Monte sua Fábrica de Bife – foi o primeiro seminário que organizei, em 1975, pelo Departamento de Cursos e Seminários do Grupo Bloch, no luxuoso Teatro Adolpho Bloch, na sede da empresa, na Rua do Russel, no Rio de Janeiro.

O assunto – já naquela época - era a engorda de gado bovino em confinamento.

O Governador Almirante Faria Lima e o Ministro da Agricultura, Alysson Paolinelli, foram os convidados de honra.

José Resende Peres, criador de gado Guzerá, em Minas, e Secretário de Agricultura e Abastecimento, do Rio de Janeiro, abriu os trabalhos falando sobre o tema “Engorda em Confinamento – Perspectivas de uma Técnica.”

Em seguida, o Professor Maurício Ribeiro Gomes, abordou o tema “Engorda em Confinamento com base em melaço e ureia.”

Depois foi a vez do Dr. Augustus Cezar Monteiro de Castro, que falou sobre “Confinamento com Alimentação à base de cama de galinheiro.”

No final dos debates, o Professor Arnaldo Niskier – futuro membro da Academia Brasileira de Letras - encerrou o seminário.

Brasil Agro-Invest 77 - realizado no Centro de Convenções do Hotel Glória, em 1977, com duração de cinco dias, foi o maior, e o mais complexo seminário que criei e coordenei, com cinco ministros.

A repercussão foi enorme. O clipping com as notícias da imprensa, tem 125 páginas, incluindo os ofícios de congratulações de autoridades importantes, de vários estados do País.

Reproduzo a chamada de capa do folheto do Seminário, que define o seu objetivo: “O conhecimento e a discussão da realidade e das

possibilidades da agricultura e da agroindústria brasileira, com as autoridades dos setores públicos e privados que decidem.”

E entre aqueles que mais decidiam estava o Ministro da Fazenda, o super poderoso Mário Henrique Simonsen, que foi a grande atração do evento para encher o auditório de participantes e dos profissionais da imprensa.

E aqui cabem duas curiosidades. A primeira; um ex-colega de colégio, muito inteligente, foi contemporâneo do Mário Henrique, no Curso de Engenharia. Ele me contou que, juntamente com os outros alunos da classe, marcou um encontro com o diretor para defender a tese de que as aulas de determinado professor, de tão aceleradas e de tão alto nível, estavam parecendo exclusivas para o Simonsen, porque apenas ele era capaz de acompanhá-las. Parecia aula particular!

A outra, não é bem uma curiosidade e sim uma historinha: Com o prestígio que tinha, o Simonsen resolveu bagunçar o nosso programa, e na última hora, seu assistente avisou que ele só viria no dia seguinte. E eu sozinho na mesa, com o auditório lotado e “toda” imprensa olhando para mim.

Por uma sorte dessas que não acontecem sempre, vi a figura do Dr. Simões Lopes, criador e presidente de várias instituições, lá no meio da plateia, e pensei: é ele quem vai me salvar. Ele entendeu a dificuldade em que me meteram e aceitou o convite para vir para a mesa. Meio de brincadeira, meio a sério, contei para a plateia que o Dr. Simões Lopes era o presidente da Fundação Getúlio Vargas, e, portanto, patrão do ministro faltoso. Depois de garantir que iria puxar a orelha do seu subordinado, encantou a mim, a plateia e a imprensa com um brilhante discurso.

No dia seguinte, o Simonsen apareceu, dividiu o tempo com o ministro programado para aquele dia, sentou-se do meu lado, foi brilhante como de costume, e bateu o “recorde mundial” de fumar e beber cafezinho, com um garçom exclusivo para atendê-lo. E esses cafezinhos encheram a minha paciência durante uns bons seis meses. Um poderoso diretor da Bloch, que não apareceu, reclamou que eu não poderia ter permitido que servissem o Mário Henrique, em copos de plástico. Eu estava subindo profissionalmente e possivelmente “empenando” o cérebro dos pobres de espírito. Mas,

e o sucesso, os ofícios de elogio e as 125 páginas com as notas da imprensa?

Atualização em Suinocultura – foi realizado, em 1978, no Centro de Convenções do Hotel das Paineiras, no caminho para o Corcovado, com a participação da ABIR-Associação Brasileira de Informação Rural, da qual eu era presidente.

A abertura foi do Secretário de Agricultura, José Resende Peres, e o programa incluiu os seguintes temas abordados por especialistas, e por líderes das associações do ramo:

- 1- Cooperativismo na suinocultura, por Daniel Fonseca Pinto.
- 2- Alimentação, por Nilson Alves da Costa.
- 3- Criação em ambiente controlado, por Antonio Carlos Vilhena.
- 4- Seleção genética, por Guy Francis Welch Prall.

O encerramento foi um jantar no restaurante do hotel.

Foram distribuídos certificados para os participantes.

Avaliação e perspectivas da cafeicultura no Rio de Janeiro – realizado em 1978 no Centro de Convenções do Hotel Caxangá, em Teresópolis (RJ).

Compuseram a mesa, além deste autor, o Peres, Secretário de Agricultura do RJ, o Governador Faria Lima, produtores e especialistas.

A assistência e a repercussão foram grandes, com 56 notas sobre o evento, publicadas na imprensa.

Como transformar o Brasil na potência agrícola da próxima década – realizado em 1979, no Hotel Hilton, em São Paulo, foi patrocinado pelo Comind (banco que não existe mais), em comemoração aos seus 90 anos de fundação.

O evento foi prestigiado pelo Governador de São Paulo, que falou sobre a importância da transformação de recursos em riquezas. (o nome do governador não vem ao caso).

Porthos Augusto de Lima, CEO da Petrofértil, falou sobre o tema “Fertilizantes: em busca da auto-suficiência.”

“Brasil poderá ser o celeiro do mundo” - foi o tema do representante do Banque Agricole Mutuel da França, Richar Doboin.

Renato Costa Lima, ex-Ministro da Agricultura, dissertou e coordenou as palestras sobre o tema “Participação da Grande Empresa no desenvolvimento agropecuário brasileiro.”

“Crédito como estímulo ao desenvolvimento agropecuário” – foi o tema abordado pelo diretor da Carteira de Crédito Rural do Banco Central, Celso da Costa Saboia.

Aristeu Mendes Peixoto, diretor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) discorreu sobre o tema “O grande desafio.”

O produtor de arroz, presidente da Fundação Getúlio Vargas, Luiz Simões Lopes falou sobre as “Oportunidades de lucro na agropecuária e na agroindústria para o empresário urbano.”

Carl Metzger, sócio do ministro da Agricultura no Governo Kennedy, afirmou que pretende montar uma filial no Brasil e somar esforços, através da transferência de tecnologia agrícola avançada, com os técnicos brasileiros que trabalham para transformar o Brasil numa potência agrícola.

O representante da FAO, August Wültighoff disse que deverá ser dada prioridade à melhoria das condições nutricionais da população brasileira.

“Desenvolvimento da agropecuária e preservação dos recursos naturais”, foi o tema do presidente do Conselho Superior da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

Sobre o “Papel dos meios audiovisuais no desenvolvimento da agricultura brasileira”, dissertou o especialista Antonio Félix da Cruz, que veio de Portugal, como convidado especial, para participar do seminário.

O tema de Salvador Firace, presidente do Sindicato Nacional das Indústrias de Rações Balanceadas, foi “Insumos básicos para o desenvolvimento agropecuário.”

O vice-presidente da Fecotriga escolheu o tema “Cooperativismo como opção de desenvolvimento agropecuário.”

Sobre esse seminário, coordenei uma edição especial, da revista “Agricultura de Hoje” fartamente ilustrada, a quatro cores, com 42 páginas, e que conteve as Conclusões e Recomendações do evento.

Em 1976, com o auditório do Centro Nacional de Convenções do Palace Hotel, em Poços de Caldas (MG), lotado, dei início ao “**1º simpósio mineiro de café**” exatamente na hora marcada.

Não esperei a chegada do governador, que, aliás não cultivava a boa educação e o respeito pela plateia.

Antes dele, chegou, indignado, seu ajudante de ordens, me advertindo de que eu teria que aguardar a chegada do governador (nome, o leitor adivinha) e de que não poderia ter começado o evento sem ele. Ponderei que nos países civilizados, as autoridades dão exemplo de respeito pelas pessoas. Pedi que ele se retirasse e continuei o trabalho. O governador chegou cheio de “moral”, meia hora atrasado.

Brasil é Brasil desde 1500.

O leitor sabe que aqui no Patropi, uma das tradicionais, maneiras de demonstrar poder é deixar as pessoas esperando, nos gabinetes e nos encontros. E como diz a Nury, minha mulher, “É com essa gente que você tem que lidar.” E eu engulo seco e lido. Ao menos, tento, embora nem sempre consiga.

Além do não citado governador de Minas, foram convidados especiais, o ministro da Agricultura, Paolinelli, o da Indústria e Comércio, Severo Gomes, o presidente do IBC-Instituto Brasileiro do Café, Camilo Calazans, o secretário de Agricultura de Minas Gerais, Agripino Viana e o prefeito de Poços de Caldas, Sebastião Chagas.

Isaac Ferreira Leite –presidente da Cooperativa Regional de Cafeicultores de Guaxupé; José de Paula Motta Filho – Diretor de Produção do IBC; Caio Junqueira – da Cooperativa Regional de Cafeicultores de Poços de Caldas e Agripino Viana, Secretário de Agricultura de Minas Gerais, foram os palestrantes.

Como sempre, nesses seminários que coordenei, houve intervalos para perguntas e debates.

Chamo a atenção do leitor para a atualidade dos diversos assuntos, abordados desde 1979.

Orelha da direita

Este é o livro de um bem humorado de um otimista, mas sempre consciente de que “O Brasil é o Brasil desde 1500”.

Ele está escrito em capítulos praticamente independentes, de modo tal que você poderá ler o posterior – eventualmente do seu maior interesse - sem ter lido o capítulo anterior.

É um livro de leitura fácil, leve, descomplicado, simples, mas ao mesmo tempo, consistente. É repleto de informações que fazem parte da história da veterinária e do jornalismo especializado.

Há histórias curiosas vividas pelo Autor, durante a sua longa vida profissional, iniciada quando terminou o curso de Veterinária, no final de 1958, na antiga, muito organizada e eficiente ENV-Escola Nacional de Veterinária, conhecida como km47.

Durante os primeiros quinze anos, dedicou-se, no cargo de Chefe do Setor de Assistência Técnica e Comunicação, da Comissão Nacional de Avicultura, à introdução, no Brasil, das modernas técnicas de avicultura industrial americanas. E à assistência, veterinária particular às granjas.

Daí em diante, passou a dedicar-se, principalmente, ao jornalismo especializado no agronegócio. Ele nos conta coisas interessantes desse período.

Luiz Octavio Pires Leal (L.O. nos meios profissionais), a caminho dos 90 anos, permanece ativo, com o entusiasmo de sempre.

Para nós, foi um grande prazer produzir este livro. Acreditamos que o mesmo acontecerá com você, leitor.

Os editores

Este é um livro leve, interessante, descomplicado, escrito por um veterinário/jornalista, otimista e bem humorado.

É seu décimo livro, e, a caminho dos 90 anos, tudo indica que não será o último

É um trabalho consistente, repleto de informações e de histórias interessantes.

Se você abri-lo e começar a leitura, achamos que não conseguirá parar.